



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

ADELMO JOVELINO ARAÚJO

LINHA DE PESQUISA: GEOGRAFIA RURAL E AGRÁRIA

**ABORDAGENS SOBRE O CULTIVO DO ABACAXI (*ANANÁS
COMOSUS*) NA COMUNIDADE DE GRAVATÁ DE PIABAS –
ARAÇAGI – PB**

Guarabira – PB

2011

ADELMO JOVELINO ARAÚJO

**ABORDAGENS SOBRE O CULTIVO DO ABACAXI (*ANANÁS
COMOSUS*) NA COMUNIDADE DE GRAVATÁ DE PIABAS –
ARAÇAGI – PB**

Guarabira – PB

2011

ADELMO JOVELINO ARAÚJO

**ABORDAGENS SOBRE O CULTIVO DO ABACAXI (ANANÁS
COMOSUS) NA COMUNIDADE DE GRAVATÁ DE PIABAS –
ARAÇAGI – PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia, sob a orientação da professora Msc. Amanda Christinne Nascimento Marques, na Universidade Estadual da Paraíba, campus III Guarabira, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

A658a

Araújo, Adelmo Jovelino

Abordagens sobre o cultivo do abacaxi (ananás comosus) na comunidade de Gravatá de Piabas – Araçagi-PB / Adelmo Jovelino Araújo. – Guarabira: UEPB, 2011.

65f. Il. Color.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Amanda Christinne Nascimento Marques”.

1. Monocultura
2. Cultivo de Abacaxi
3. Práticas Agrícolas I.Título.

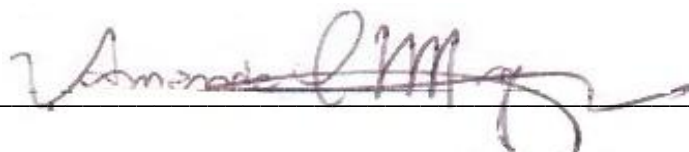
22.ed. 630

ADELMO JOVELINO ARAÚJO

**Abordagens sobre o cultivo do abacaxi (*ananás comosus*) na comunidade de
Gravatá de Piabas – Araçagi – PB**

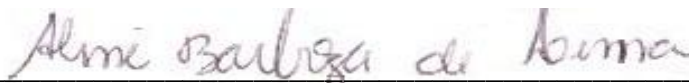
Aprovada em: 15 / Abril / 2011

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Msc. Amanda Christinne Nascimento Marques

(orientadora – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas, IFAL
– Campus Satuba)



Prof^a. Msc. Aline Barboza de Lima

(examinador externo – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG)



Prof^o. Esp. Antonio Sérgio Ribeiro de Souza

(examinador – Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus Guarabira)

Guarabira – PB

2011

Aos meus pais, irmãos e familiares, que me apóiam e estimulam a nunca desistir, aos mestres que contribuíram com meu desenvolvimento intelectual, aos colegas da turma 2006.2 tarde, a qual tive a honra de fazer parte, aos amigos Geovane, André e Márcio, os quais considero como irmãos, a meu grande amor Virginnya, que sem saber deu grande contribuição para a conclusão desse trabalho e de uma forma ou de outra estará sempre em meus pensamentos, aos moradores e agricultores da comunidade de Gravatá de Piabas, a todos que acreditam em meu potencial e me estimulam a sempre lutar por meus objetivos,

DEDICO!!!

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu a dádiva da vida e guia meus caminhos me dando forças pra vencer, sempre alcançar meus objetivos e nunca desistir diante dos obstáculos e tribulações da vida;

A meus avós, João Dias e Francisca Araújo, (*in memoriam*) que desde minha infância me estimularam a estudar e buscar novos horizontes;

A meus pais, Antônio e Penha, a meus irmãos Adriano, Aline e Edson, que apóiam minhas decisões e me encorajam a sempre perseverar buscando alcançar meus objetivos;

A professora Amanda, que acreditou em meu projeto e se empenhou junto comigo na realização desse trabalho, oferecendo apoio e contribuindo para a conclusão do mesmo;

A todos os mestres, desde os alfabetizadores aos da Universidade, que contribuíram com parte de seus conhecimentos para minha formação intelectual e geográfica;

Aos moradores e produtores de abacaxi da comunidade de Gravatá de Piabas, que me receberam em suas residências e prestaram informações preciosas para a realização desse trabalho;

Aos colegas da turma 2006.2 tarde, que ao longo desses 4 anos de jornada tornaram-se mais que colegas, passando a serem uma família, graças a nossa amizade, companheirismo e respeito o qual temos uns pelos outros;

Aos amigos, Adriano, Tio Luiz e Geovane, que nas horas vagas gozavam comigo de uma boa conversa, um bom jogo de canastra/buraco, uma boa música e cerveja bem gelada;

A Universidade Estadual da Paraíba, e todos seus funcionários;

Àqueles que sempre acreditam em minha capacidade, pois vocês me dão motivação para fazer o melhor e nunca decepcioná-los;

Àqueles que não acreditam em minha capacidade e em muitas vezes duvidaram de mim, pois vocês me motivam para superar os obstáculos e alcançar meus objetivos e mostrar que sou capaz;

Enfim a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse trabalho e conclusão de mais essa jornada em minha vida;

AGRADEÇO!!

A combinação de energia e inteligência, assim como o equilíbrio entre a razão e a emoção são fundamentais para o sucesso. É uma sensação extremamente agradável chegar ao fim de uma etapa com a consciência do dever cumprido. E obter a consagração, o respeito de todos, o reconhecimento dos colegas e a admiração das pessoas que amamos...

Desconheço o Autor.

ABORDAGENS SOBRE O CULTIVO DO ABACAXI (*ANANÁS COMOSUS*) NA COMUNIDADE DE GRAVATÁ DE PIABAS – ARAÇAGI – PB

Linha de Pesquisa: *Geografia Rural e Agrária (Meio Ambiente Rural)*

Autor: **ADELMO JOVELINO ARAÚJO** – Curso de Geografia – CH/UEPB.

Orientador (a): Prof^a. Msc. Amanda Christinne N. Marques – IFAL, Campus Satuba.

RESUMO

O cultivo do abacaxi no município de Araçagi – PB é uma das principais fontes de renda para o município. Na comunidade de Gravatá de Piabas, uma das comunidades rurais de Araçagi, a realidade não é diferente, sendo o cultivo do abacaxi o responsável pela maior parte da renda dos camponeses da comunidade. Com isso a proposta desse trabalho monográfico é realizar uma análise sobre o cultivo do abacaxi dentro dessa comunidade, tomando como base a realidade vivenciada pelos camponeses. O cultivo do abacaxi se enquadra hoje dentro da comunidade como um modelo de produção monocultor que substituiu a agricultura familiar de subsistência, mas que mesmo assim a comunidade caracteriza-se como uma comunidade rural de origem camponesa, visto que os mesmos aderem uma relação de identidade com o sítio de origem. Embora a comunidade viva em um sistema de cooperação e de reprodução familiar, atualmente, vive-se um problema característico das pequenas propriedades rurais no Brasil, que é a expansão das monoculturas. Nesse sentido, buscamos diálogo com autores que retratam essa problemática agrária a partir de Martins (1986) e Oliveira (2001). Essa realidade pode ser observada em Gravatá de Piabas, pelo fato de que os camponeses vêem a cultura do abacaxi como o único cultivo rentável que possa lhes garantir um lucro significativo ao fim do período de produção e por isso que cada vez mais a cultura se expande dentro da comunidade se tornando quase unanimidade dentre as culturas cultiváveis em Gravatá de Piabas. O que temos presenciado em Gravatá de Piabas é a lógica do capital atuando dentro das práticas agrícolas, no sistema de monocultura, contribuindo para essa agricultura que visa o lucro. Dentro dessa prática agrícola, inserem-se a utilização dos insumos químicos, fertilizantes, herbicidas e fungicidas que podem causar a intoxicação dos trabalhadores que utilizam esses produtos na cultura do abacaxi, àqueles que consomem esses frutos, além da degradação dos recursos naturais da região, a exemplo do solo, das águas subterrâneas e superficiais, etc.

Palavras chave: cultivo do abacaxi, monocultura, práticas agrícolas.

ABSTRACT

The cultivation of pineapple in the municipality of Araçagi – PB is major source of income for the city. In the community of Gravatá de Piabas, a Araçagi rural communities, the reality is not different, and the cultivation of pineapple is responsible for most of the income farmers in the community. Thus, the purpose of this monograph is to perform an analysis on the cultivation of pineapple in this community, based on the reality of the peasants. The cultivation of pineapple falls today within the community as a monoculture production model that replaced the family subsistence farming, but even so the community is characterized as a rural community of peasant origin, since they adhered to an identity relationship with the site of origin. Although the community living in a system of cooperation and family reproduction currently live is a typical problem of small farms in Brazil, which is the expansion of plantations. Accordingly, we seek dialogue with authors who portray this problematic land from Martins (1986) and Oliveira (2001). This reality can be seen in the Gravatá de Piabas, by the fact that farmers see the pineapple as the only cash crop that can guarantee them a significant profit at the end of the production period and that is why more and more culture is expands within the community, making it almost unanimous among the crops cultivated in the Gravatá de Piabas. What we have witnessed in Gravatá de Piabas of the logic of capital is acting within the agriculture practices in the monoculture system, contributing to the agriculture seeking profit. Within this agricultural practice, fall into the use of chemical inputs, fertilizers, herbicides and fungicides that can cause poisoning of workers using these products in pineapple, to those who consume these fruits, and the degradation of natural resources in the region, the sample of soil, groundwater and surface water, etc.

Keywords: pineapple cultivation, monoculture, farming practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Foto: Roçado de Abacaxi recém plantado.....	26
Figura 02 – Foto: Roçados de abacaxi as margens da estrada na comunidade de gravatá de Piabas.....	26
Figura 03 e 04 – Foto: Soca do abacaxi.....	26
Figura 05 – Foto: Terreno sendo preparado para plantio.....	26
Figura 06 – Foto: Plantação de abacaxi em fase de pré queima.....	26
Figura 07 e 08 – Foto: Aspecto de como era a casa de farinha de D. Maria Davi.....	30
Figura 09, 10, 11 e 12 – Foto: Aspecto atual da casa de farinha de D. Maria Davi.....	31
Figura 13 – Foto: Aspecto atual da capela de Nossa Senhora da Conceição.....	31
Figura 14 e 15 – Foto: Procissão religiosa do Domingo de Ramos, épocas distintas.....	32
Figura 16 – Foto: Morfologia do abacaxizeiro.....	39
Figura 17 – Foto: Partes integrantes do abacaxizeiro.....	39
Figura 18 – Foto: Plantação de abacaxi em sistema de cultivo de chão.....	41
Figura 19 – Foto: Plantação de abacaxi em sistema de cultivo de leirões.....	41
Figura 20 – Foto: Área de mata derrubada para plantio de abacaxi.....	45
Figura 21 – Foto: Área de mata ocupada com plantação de abacaxi.....	46
Figura 22 – Foto: Área de vegetação queimada para implantação do cultivo de abacaxi.....	46

LISTA DE MAPAS

Figura 01 – Localização geográfica do município de Araçagi-Pb.....	19
--	----

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 01 – produção do abacaxi nos anos de 2006 a 2008.....	35
Tabela 02 – produtividade do abacaxi em mil frutos, 2006 a 2008.....	36
Tabela 03 – área plantada com abacaxi, 2006 a 2008.....	37
Tabela 04 – características dos grupos de abacaxi mais conhecidos.....	40
Tabela 05 – culturas produzidas na comunidade além do abacaxi.....	56
Quadro 01 – principais agrotóxicos utilizados no cultivo do abacaxi	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – grau de escolaridade dos produtores.....	49
Gráfico 02 – número de pessoas no núcleo familiar.....	50
Gráfico 03 – renda familiar dos produtores.....	51
Gráfico 04 – número de aposentados no núcleo familiar.....	52
Gráfico 05 – condições de trabalho dos produtores.....	53
Gráfico 06 – utilização de mão-de-obra assalariada na produção do abacaxi.....	54
Gráfico 07 – forma de cultivo do abacaxi.....	55
Gráfico 08 – utilização de agrotóxicos.....	57
Gráfico 09 – acompanhamento técnico na utilização de agrotóxicos.....	58

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	14
1. Capítulo I: Características sócio-espaciais da comunidade de Gravatá de Piabas – Araçagi-Pb.....	17
1.1 Resgatando a história por meio da memória dos antigos moradores.....	21
2. Capítulo II: A cultura do abacaxi (<i>ananás comosus</i>): aspectos econômicos, morfológicos e as problemáticas do cultivo.....	34
2.1 Classificação botânica e morfológica do abacaxi.....	37
2.2 Características, formas de plantio e problemáticas do cultivo.....	41
3. Capítulo III: A comunidade de Gravatá de Piabas: desafios e contradições no espaço.....	48
3.1 O trabalho com o abacaxi: A realidade do espaço em gravatá de piabas.....	52
<i>Considerações Finais</i>	60
<i>Referências</i>	62

INTRODUÇÃO

Pretendemos com a realização desse trabalho monográfico, fazer uma análise da comunidade de Gravatá de Piabas, a partir do processo histórico de sua formação e das relações de trabalho da comunidade através da agricultura, levando em consideração principalmente a cultura do abacaxi (*ananás comosus*), bem como, mostrar o processo produtivo dessa cultura tão importante, que é hoje a principal fonte de renda para os trabalhadores rurais não só da comunidade, como também do município de Araçagi-Pb.

A área em estudo é uma comunidade rural localizada na zona Norte do município de Araçagi-Pb, na qual tem seus alicerces na agricultura familiar de subsistência. Modelo de produção esse que com o passar do tempo foi sendo substituído por um novo modelo monocultor de produção capitalista que tem como propósito a obtenção do lucro. No caso específico da comunidade de Gravatá de Piabas a monocultura do abacaxi se apresenta como cultura desenvolvida e que tem gerado contradições nas relações de produção.

Do ponto metodológico, para conseguirmos alcançar nossos objetivos neste trabalho, partimos de um procedimento muito utilizado na geografia: o trabalho de campo. Para tanto apoiamo-nos nas idéias de autores que discutem sobre a realização desse procedimento metodológico, dentre esses autores destacam-se Kaiser (2006), Lacoste (2006) e Serpa (2006).

Nossos trabalhos de campo tiveram início no mês de fevereiro de 2010, quando acompanhado por minha orientadora, realizamos uma visita a comunidade. Na oportunidade, pudemos entrar em contato com alguns dos moradores mais antigos da comunidade. O objetivo desse procedimento inicial foi de levantar história da mesma, bem como a de seus moradores através de suas memórias.

Para discutir sobre as questões relativas à memória dentro da comunidade buscamos nos apoiar nas idéias da autora Ecléia Bosi, onde em seu livro “**Memória**

e Sociedade: Lembranças de Velhos”, publicado em 1994, discute a memória coletiva como fonte de reconstrução histórica dos lugares e dos espaços.

Com relação ao processo de produção do abacaxi, desde meados de 2009 que começou-se a observar o sistema de produção na comunidade, já com o intuito de realizar esse trabalho. A partir daí buscamos está em contato com os produtores para compreender melhor as dinâmicas produtivas da cultura dentro da comunidade.

O tema deste trabalho de pesquisa tem seus alicerces em minha própria história de vida, pois desde criança convivo com a cultura dentro da comunidade e em minha casa, onde meu pai é um dos produtores de abacaxi da região. A princípio não tinha interesse de trabalhar o tema, até iniciar a carreira acadêmica e pagar a cadeira de “*Estudos Agrários*”, onde na oportunidade pude ver que dentro do meu próprio contexto de vida poderia trabalhar um tema ao qual possuía certo conhecimento, visto que cresci vendo a produção do abacaxi no quintal de minha casa.

A partir daí comecei a me interessar cada vez mais pelo processo de produção, não apenas ao ajudar meu pai no trabalho, mais também a buscar novos conhecimentos sobre o cultivo do abacaxi em outros lugares, sobre o desenvolvimento da mesma e sobre as expectativas dos produtores quanto ao cultivo dessa cultura tão importante para a comunidade de Gravatá de Piabas. Dentro da comunidade pude acompanhar durante a década de 1990 o declínio da cultura onde vários produtores sofreram grandes perdas e contraíram dívidas junto a órgãos financiadores de crédito para a agricultura. Esse declínio da cultura se deu pelo fato dos estados produtores isentarem a cultura do ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação), medida essa não adotada pelo estado da Paraíba. Após esse declínio muitos agricultores ficaram receosos de voltar a cultivar o abacaxi com medo de investir e perderem novamente o investimento na cultura, porém no fim da década e início do novo milênio a cultura sofre outro impacto, desta vez um positivo, quando o governo estadual suspendeu a cobrança do ICMS e os produtores voltam a confiar na cultura e começam a plantar

novamente agora em escala maior e com mais intensidade, graças às inovações agrícolas que agora contribuem para facilitar, em partes, o cultivo do abacaxi na comunidade.

Esperamos que os resultados de nossa pesquisa possam contribuir com essa comunidade e com seus moradores, pois os mesmos nos deram a base para que essa pesquisa fosse concluída e seus resultados apresentados aqui.

Este trabalho foi organizado em três capítulos que serão apresentados a seguir. No primeiro capítulo, intitulado: “Características sócio-espaciais da comunidade de Gravatá de Piabas – Araçagi – PB: um pouco de sua história” abordaremos as características sócio-espaciais, bem como um pouco da história da comunidade de Gravatá de Piabas pautada na agricultura e tendo como base, as memórias vivenciadas e contadas por seus moradores. No segundo capítulo, o tema abordado será a cultura do abacaxi, tendo ênfase os aspectos econômicos da cultura em nível mundial, no Brasil, em nível estadual, municipal e local, bem como os aspectos morfológicos, onde serão mostradas as principais culturas, sua classificação botânica e as características da produção, principalmente na comunidade em estudo. No terceiro e último capítulo de nosso trabalho apresentamos e analisamos os dados e as informações coletadas através das observações realizadas em campo, as entrevistas e os questionários, desenvolvidos com os produtores.

CAPÍTULO 1 – CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ESPACIAIS DA COMUNIDADE DE GRAVATÁ DE PIABAS – ARAÇAGI – PB

Neste primeiro capítulo, pretendemos analisar a comunidade de Gravatá de Piabas, situada na Zona Norte do Município de Araçagi-Pb na microrregião de Guarabira, agreste paraibano. Ver mapa, pag. 19.

Para tanto, buscamos construir essa caracterização a partir de um procedimento metodológico utilizado pela Geografia: o trabalho de campo, bem como nos utilizando de referenciais que discutem o processo histórico de criação da cidade de Araçagi. Dentre os autores que dialogamos, destacam-se Kaiser (2006), Lacoste (2006) e Serpa (2006) quando tratam sobre a importância do trabalho de campo na geografia; Silva et. al (2000) ao escreverem sobre a história do município e Bosi (1994) quando discute a memória coletiva como traço de reconstrução histórica dos espaços.

Além de caracterizar essa comunidade, pretendemos também resgatar um pouco da história da mesma e de seus moradores, como suas tradições religiosas, lendas e as relações estabelecidas entre terra e trabalho. Do ponto de vista metodológico, realizamos trabalhos de campo, para melhor compreendermos a história da referida comunidade. Previamente, selecionamos alguns de seus moradores mais antigos para realizarmos entrevistas e buscarmos na memória do lugar estabelecer os nexos das situações históricas de Gravatá de Piabas.

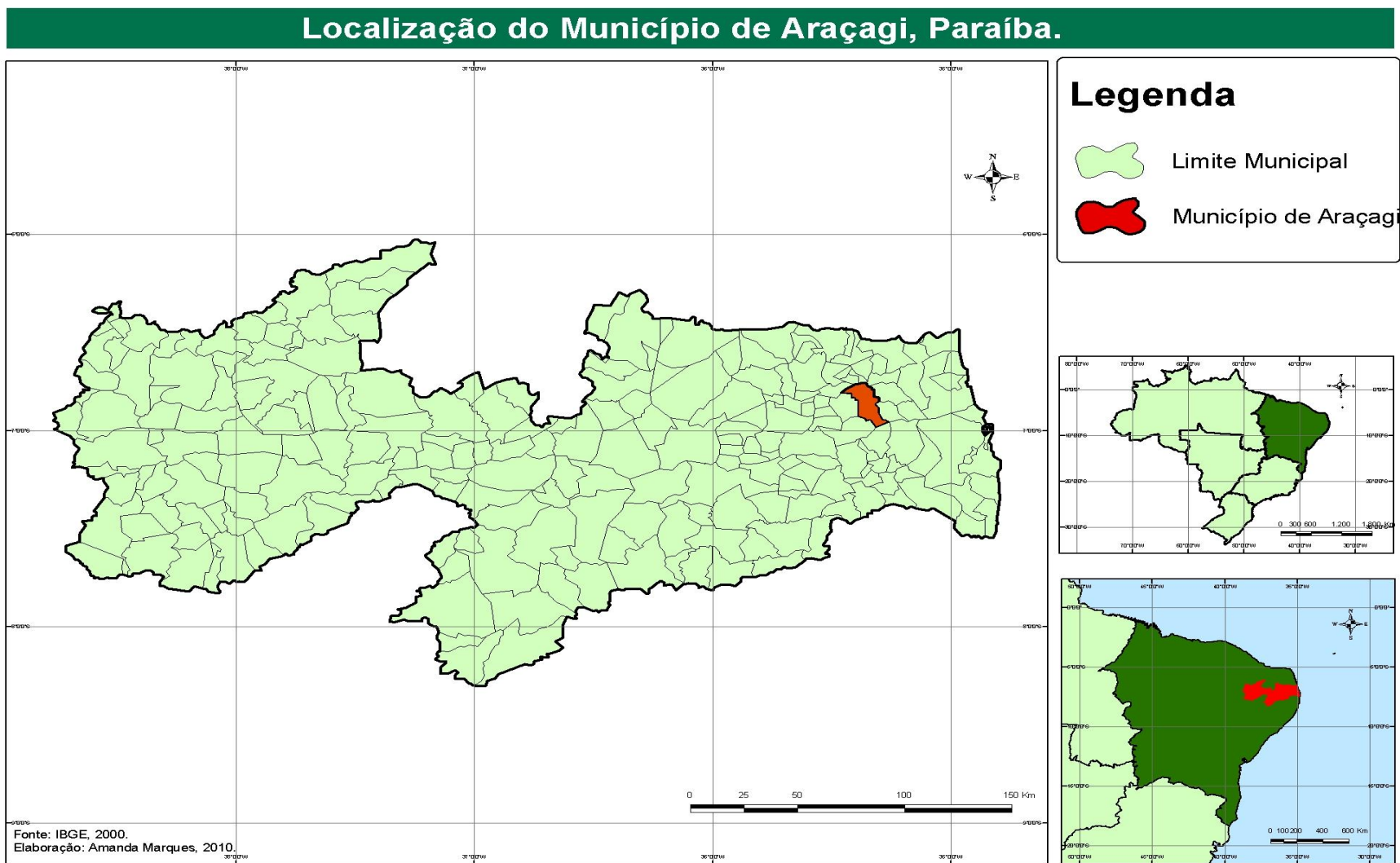
De acordo com Silva et. al (2000), os primeiros registros que tratam sobre o lugarejo denominado de Araçagi, datam de meados do século XVIII. Nesse período, a região onde hoje se encontra a cidade, servia de pousada para os mercadores e tangerinos de gado que realizavam o comércio entre Mamanguape (conhecida como Monte Mor), Guarabira e os Sertões da então província da Paraíba.

Alguns desses mercadores após estabelecerem relações de amizade com índios da tribo Guandu fixaram moradia em um lugar conhecido como Rio dos Araçás.

Segundo conta a tradição oral dos moradores mais antigos, a denominação Araçagi vem da junção das nomenclaturas Araçá (arbusto abundante na região) e Gê (grupo indígena da tribo Guandu).

O município de Araçagi teve sua emancipação política, através da lei estadual nº. 2147 de 22 de julho de 1959, desmembrando-se do município de Guarabira de onde até então era distrito. Porém, sua instalação oficial como município só ocorreu em 24 de dezembro de 1959.

Figura 01: localização do município de Araçagi – PB.



Araçagi abrange uma área territorial de 236km² e conforme os dados apresentados na última contagem populacional (2010) realizada pelo IBGE¹, a população do município de Araçagi é de 17.224 (dezessete mil duzentos e vinte e quatro habitantes). Dos quais, 6.804 (seis mil oitocentos e quatro) residem na zona urbana e 10.420 (dez mil quatrocentos e vinte) na zona rural.

A divisão territorial do município de Araçagi, segundo Henrique (2004) compõe-se da sede municipal (antigo distrito de Guarabira), um distrito (Canafístula), duas agrovilas (Tainha e Mulunguzinho), dois assentamentos (Santa Lucia e Violeta) e de cinquenta e seis sítios (comunidades rurais).

Na comunidade de Gravatá de Piabas, residem 112 famílias, e conforme informações concedidas pelos agentes comunitários de saúde que acompanha as famílias, esse total abrange uma população de aproximadamente 325 moradores.

Para que a realização dos nossos trabalhos de campo não fosse restrita apenas ao estudo e descrição do espaço em questão, buscamos dialogar com autores que mostram a importância do trabalho de campo para a atuação do geógrafo. A partir dessa ferramenta podemos fazer uma análise do espaço em questão.

Dessa forma, para organizar nosso campo e desenvolver nossa pesquisa, nos apoiamos nas idéias dos autores mencionados, de forma a abranger primeiro as relações sociais dentro da comunidade de Gravatá de Piabas, para depois fazermos as ligações entre essas relações sociais e a problemática em questão, que são os impactos ambientais do cultivo do abacaxi (*ananás comosus*) no sitio Gravatá de Piabas.

Como mostra Lacoste (2006), os resultados de nossa pesquisa devem servir não apenas aos interesses científicos, mas também aos nossos protagonistas – as pessoas que compõem a comunidade base de nossa pesquisa – para que tenha

¹ Consultar – www.ibge.gov.br

acesso a esses resultados, e assim possam utilizá-los da melhor forma possível dentro da comunidade em questão.

Para isso utilizamos a idéia de Kaiser (2006), principalmente quando coloca que:

O espaço não pode ser estudado pelos geógrafos como uma categoria independente de vez que ela nada mais é um dos elementos do sistema social. São as relações dos homens com o espaço ou a respeito do espaço que preocupam hoje os geógrafos modernos: não se pode compreender estas relações sem conhecer e compreender as relações dos homens entre si, quer dizer as relações sociais (KAISER, 2006, p.97).

E a de Serpa (2006), ao afirmar que:

O trabalho de campo deve se basear na totalidade do espaço, sem esquecer os arranjos específicos que tornam cada lugar, cidade, bairro ou região uma articulação particular de fatores físicos e humanos em um mundo fragmentado, porém (cada vez mais) articulado. O trabalho de campo em Geografia deve perseguir, portanto, a idéia de particularidade na totalidade, abandonando de modo enfático a idéia de singularidade de lugares, cidades, bairros ou regiões (SERPA, 2006, p.10).

A partir das idéias desses autores, em fevereiro de 2010, visitamos alguns dos moradores antigos, a exemplo da Sr^a. Maria das Dores, Sr^a. Maria Davi e o Sr. Cícero Jovelino, com o intuito de resgatar um pouco da história da comunidade e de seus moradores.

1.1 – Resgatando a história por meio da memória dos antigos habitantes de Gravatá de Piabas

Para se fazer uma reconstrução da história de um determinado lugar onde não se tenha nenhuma documentação que possa servir de base ou como fonte de pesquisa, se faz necessário recorrer ao resgate na memória dos seus moradores

lembranças que possam servir de alicerce e dar subsídios para a reconstrução histórica do espaço em questão.

Sobre essa questão da memória Bosi (1994), coloca que na maioria das vezes, o fato de lembrar, não significa reviver o passado, mas sim refazer, reconstruir, repassar o que foi vivenciado em experiências passadas através de imagens e idéias de hoje, do presente.

A autora reforça ainda que:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1994, p. 55).

O raciocínio da autora nos leva a entender que à medida que vivemos e aperfeiçoamos nossa capacidade de percepção, nossas lembranças, memórias, vão se adaptando ao nível de percepção que temos no presente. Assim, como já foi ressaltado acima, uma lembrança da infância pode ser lembrada com outro olhar, com outro ponto de vista, já que não somos os mesmos indivíduos daquele momento de nossas vidas. Com isso ao lembrar-se do passado no presente, propõe-se fazer uma diferenciação em termos de ponto de vista, de comparação, entre o que percebia-se nas imagens do passado e o que podemos perceber relembando essas imagens nos dias atuais.

Portanto, através da memória buscamos reconstruir nossa história junto as lembranças do passado, que trabalhadas coletivamente nos dão suporte para caracterizar e reconstruir historicamente os espaços.

Essa memória coletiva, de acordo com Bosi (1994), se desenvolve através dos laços de convivência familiares, escolares, profissionais e outras. Essa memória contém lembranças do próprio indivíduo e de outros que acrescenta, unifica

diferencia, corrige e passa a limpo as lembranças de um grupo que evoluem dependendo da interação de seus membros.

A autora afirma que para localizar uma lembrança se faz necessário o desenrolar de várias meadas, pois segundo ela a lembrança é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos de nosso passado.

Com isso, a partir da memória e das lembranças individuais e coletivas das pessoas podemos reconstruir a história dos lugares, já que ao juntarmos as memórias individuais essas sofrem retoques e acréscimos tornando-se uma lembrança coletiva, e logo uma realidade social.

A partir das colocações de Ecléa Bosi sobre memória, buscamos resgatar um pouco das memórias através da oralidade de três anciãos que detêm não só a história do lugar na memória, mas também exerceram posições importantes no cenário histórico, sendo lideranças comunitárias e/ou religiosas.

A Sr^a. Maria das Dores de Macedo, 78 anos, conhecida na comunidade como Dona Dodô nos contou sobre como era a vida na comunidade de Gravatá de Piabas no passado. Ela nos relatou um pouco da história de sua família de como era a relação de trabalho na terra, o que era cultivado e produzido na propriedade de sua família e como era o sistema de trabalho dos agricultores que tinha de trabalhar de aluguel nas propriedades de outros agricultores que possuíam maiores condições financeiras.

Na fala de Dona Dodô, as terras do Sítio Gravatá de Piabas pertenciam a várias famílias, e que não havia na comunidade grandes fazendeiros, sendo que existiam algumas famílias com propriedades de terras maiores do que outras, e que nessas propriedades, alguns agricultores da comunidade trabalhavam alugado para ajudar no sustento da família. Esses agricultores trabalhavam “alugado”² durante os cinco dias da semana e cuidavam da sua roça aos sábados e domingos.

² Utilizaremos as palavras com aspas para dar ênfase e referenciar o vocabulário do lugar.

Essa forma de trabalho era realizada em virtude da falta de oportunidades de emprego, bem como, para ajudar na renda de casa.

Geralmente, havia uma divisão do trabalho familiar, os homens trabalhavam em seus roçados e também “alugado” e as mulheres faziam cerâmicas de barro e chapéu de palha para ajudar em casa.

A Denominação “alugado” é utilizada pelos camponeses da localidade para referenciar o trabalho realizado em terras vizinhas, de proprietários que tinham faixas territoriais maiores. A forma de pagamento se dava a partir do recebimento de produtos produzidos pelos próprios trabalhadores nessas terras.

Atualmente, essa forma de pagamento vem se dando a partir de diárias no valor de R\$: 20,00 (vinte reais). Dona Dodô nos relatou que o trabalho “alugado” se dava da seguinte forma:

Trabaiá alugado, era trabaiá cinco dia na semana pros outros, por cinco quilo de farinha. No ano mermo que eu nasci, minha mãe falô que meu pai trabaiava cinco dia por semana, num era por quilo naum era litrinho de pau assim de madeira, de farinha, quando chegava em casa minha mãe tirava aqueles caroçinho de farinha penerava, pisava de novo, penerava pa tirar aquela massinha pa mim comer e o resto era pa comer mai o marido... Trabaiava minha fia, trabaiô alugado pa criar nós tudim. Minha mãe fazia louça de barro, carregava barro de onde tivesse e fazia louça, fazia chapéu, trança de chapéu, pa ajuda o marido, essas coisa assim. Trabaiava cinco dia na semana pros outros e no sábado e no domingo trabaiava pa ele, até no domingo ele saia pa trabaiá, foi vida sofrida dos meus pais, foi vida sofrida... (Dona Dodô em entrevista concedida em fevereiro de 2010).

O “litrinho de madeira” relatado por dona Dodô era uma forma de medida utilizada pelos camponeses na época, visto que não havia na comunidade balanças para medir a quantidade de farinha utilizada para o pagamento das diárias. A medida então era um recipiente de madeira.

Segundo Dona Dodô, nessa época se trabalhava com a policultura de subsistência, onde era cultivado o feijão, o milho, a mandioca, o inhame, a batata e a

fava. Segundo a entrevistada, se plantava de tudo e quando a produção era muita se vendia o excedente.

Além da agricultura também criavam animais como vacas, cabras e galinhas, para ajudar nas despesas de casa. Assim quando se estava “apertado” vendiam algumas dessas criações para poder suprir alguma necessidade mais urgente.

Ao sairmos da casa de Dona Dodô, nossa caminhada foi trilhada pelos “partidos” de abacaxi (*ananás comusus*), que se espalham pelas propriedades da comunidade, contrastando com a paisagem natural e nos remetendo a imaginar como eram essas propriedades anteriormente. Tendo em vista que segundo os relatos de Dona Dodô, ali no passado se trabalhava com a policultura de subsistência e em escala maior o cultivo da mandioca (*Manihot esculenta*), que está sendo substituída pela monocultura abacaxi.

Durante nossa caminhada até a casa de Dona Maria Davi, onde fizemos nossa segunda parada, nos deparamos com muitos “partidos” de abacaxi em várias etapas do cultivo, como o plantio, pré “queima” (na linguagem dos produtores ‘queimar o abacaxi’ é colocar o Carbureto para que ocorra a frutificação das plantas de forma homogênea, em termos técnicos essa fase e denominada de indução floral), preparo do solo para plantio, e a “soca”, (restos do plantio anterior que já deram frutos e que já tenham sido retiradas as mudas para o novo plantio). Como pode ser observado nas fotos a seguir.



Foto 01: "partido" de abacaxi recém plantado.
Fonte: Adelmo J. Araújo. 2010



Foto 02: "partido" de abacaxi as margens da estrada na comunidade de Gravatá de Piabas.
Fonte: Adelmo J. Araújo. 2010



Foto 03 e 04: "Soca" do abacaxi. Fonte: Adelmo J. Araújo. 2010



Foto 05: Terreno preparado para plantio do abacaxi. Fonte: Adelmo J. Araújo. 2010



Foto 06: "partido" de abacaxi em fase de pré-queima. Fonte: Adelmo J. Araújo. 2010

Outra moradora muito importante, por ser detentora da memória da comunidade, é a Sr^a. Maria Davi Trindade de 77 anos, nascida e criada em Gravatá de Piabas. Ela desempenhou e desempenha um importante papel, tendo trabalhado por 40 anos como auxiliar de enfermagem, ajudando a população rural da localidade nas horas de dificuldades de saúde.

Dona Maria Davi durante sua atuação esteve ligada a igreja católica e junto com padre Cristiano, fundaram na comunidade a capela de Nossa Senhora da Conceição, onde até hoje se mantém viva muitas tradições religiosas.

Dona Maria Davi, nos relatou que na comunidade de Gravatá de Piabas nunca houve nenhuma luta por terras, “*aqui todo mundo era proprietário, num tinha morador de ninguém, ainda hoje é a merma coisa, num tem morador não, todo mundo tem sua terra, pequenininha, mais tem*”. (Entrevista concedida em fevereiro de 2010).

Ela nos contou ainda que na comunidade, os camponeses trabalhavam muito com a mandioca, onde havia cerca de 45 casas de farinha, inclusive uma delas se localiza em sua propriedade e é uma das últimas em funcionamento na comunidade. Segundo seu relato, às vezes seu pai passava vários meses trabalhando fazendo farinha para vender nas feiras livres dos municípios vizinhos, como Guarabira, Pirpirituba, Caiçara e outras, mas que hoje a produção de mandioca foi substituída pela cultura do abacaxi.

Quando perguntada se o cultivo do abacaxi (*ananás comusus*) é mais vantajoso do que a mandioca ela respondeu:

Se num é meu fio, ele é mai trabaioso, mai demorado, quase dois anos pra lucrar mai quando lucra é uma notona, mai também bota adubo nele, bota tudo... Há meu fio vai longe, vai longe. E se num fosse as pessoas num vivia fincado nele, quem só trabaiaava com mandioca, num era, nunca aprumose, e no abacaxi apura 16 mil reais duma vez, é dinheiro pa pobre que trabalha na agricultura, né naum, é... aí eles só querem plantar abacaxi, abacaxi e dexô abandonô a mandioca... Faziam mês de farinhada aqui, agora compra pa cumer, vez em quando as mulheres vêm aqui comprar saco de farinha. A farinha num tem valor, um saco de farinha por 30 reais, eu digo: eu num vendo, num vale a pena eu dexo pa minhas

galinhas cumer, a pessoa vender um saco de farinha por 30 reais, mai vendo mermo. (Dona Maria Davi em entrevista concedida em fevereiro de 2010)

Seu Cícero Rosa, como é conhecido o Sr. Cícero Jovelino, chegou à comunidade de Gravatá de Piabas no ano de 1977, quando comprou do Sr. Severino Clemente uma pequena propriedade com 2,5 ha., que se desfez da mesma para comprar uma propriedade maior em um sítio vizinho. Seu Cícero nos relatou que morou em várias outras localidades, mas foi na comunidade de Gravatá de Piabas que se estabeleceu e vive até hoje. Segundo seu Cícero, quanto chegou à comunidade trabalhava-se bastante com o cultivo da mandioca e que essa cultura foi durante um bom tempo a fonte de renda da comunidade.

Ao ser indagado sobre o que plantava quando chegou à comunidade, ele nos respondeu:

De tudo, macaxeira, inhame, milho, feijão, fava, agora só pro consumo mermo sabe, “roça”, “roça” – *nome atribuído à cultura da mandioca* – (grifo nosso) que eu plantava muito, naquela época agente vivia da “roça” sabe, naquele tempo agente pegava fazer farinha às vezes em setembro e em janeiro num tinha terminado a safra ainda num sabe, fazia um dia dois por semana, que agente vivia disso né, tinha um quarto ali, que agente fazia ruma de farinha, tinha comprador quando vinha comprar que só você veno, devido a “roça”, mais hoje naum né que a agricultura num tem futuro. Pra você vê, há certos tempos atrás, o primeiro terreno que eu comprei foi com dinheiro de “roça”, morava em terreno dos outros, em Areia Branca, ai fiz uma “roça” comprei um terreninho. Naquele tempo agente vendia farinha pela “cuia”³, uma “cuia” feita de taba, naquele tempo uma cuia de farinha vendia por cinco contos, já era conto. Mai sabe quanto era um quilo de carne? Era três conto e quinhentos, ai recuperava, mai hoje, hoje a pessoa vende uma cuia de farinha num compra um quilo de carne. Mai farinha já foi boa, eu mermo num falo devido a isso, porque tudo que eu tenho foi quase tudo comprado com dinheiro de roça, e eu num vô falar de um troço que me ajudo né. Agora hoje naum, hoje num dá dinheiro mai naum (Dona Maria Davi em entrevista concedida em fevereiro de 2010).

Seu Cícero nos informou ainda que também trabalhou com abacaxi, mas que era um cultivo totalmente diferente do que é feito hoje, pois não tinha utilização de herbicidas, apenas de adubos e fertilizantes mais simples dos que são utilizados

³ Medida utilizada pelos agricultores para medir farinha, e que equivale a mais ou menos 10 (dez) quilos.

hoje e que para ele o adubo é bom, pois funciona como uma espécie de vitamina para a terra e dá sustância a planta.

Segundo ele:

Naquele tempo num tinha aguação, só tinha o adubo, hoje tem aquele negócio daquela aguação, naquele tempo naum, nem pra matar o mato e nem pro abacaxi. Agente tinha de leva ele no braço velho, bruto né, cá enxada de 2 e $\frac{1}{2}$, – *medida utilizada pelos camponês para designar o tamanho da enxada* – (grifo nosso) puxando a terra pro tronco dele né, mai hoje naum, quando o mato ta muito grande o cara vai lá na loja compra um remédio que tem ai agoa mata o mato, ai fica 90 dias. Mai naquele tinha de ser na enxada com a gota... (Sr. Cícero Rosa em entrevista concedida em fevereiro de 2010).

Na sua fala podemos perceber que ele é contra a utilização de herbicidas e agrotóxicos no cultivo, pois segundo ele retira a fertilidade do solo.

Eu mermo seno num terreno meu, que muita gente arrenda terra pra trabaiá, se eu arrendasse pra bota aquilo eu num queria naum que o veneno de matar o mato ele acaba com a força da terra, entendeu, isso todo mundo sabe que acaba com a força da terra porque mata aquele mato. Olhe tem aquele capim né, ai agoa o capim morre e às vezes nem nasce mai outro (Sr. Cícero Rosa em entrevista concedida em fevereiro de 2010).

Na perspectiva de seu Cícero é melhor trabalhar alugado do que plantar roça, pois hoje se vende um saco de farinha por 35 reais, e segundo ele, duas pessoas trabalhando em dia inteiro não conseguem fazer um saco de farinha e ai é melhor trabalhar alugado visto que por um dia serviço alugado está sendo pago R\$ 20,00 reais.

Dessa forma, através dos depoimentos dos moradores podemos perceber que todos têm a mesma visão sobre a agricultura do passado e a de hoje, que a mandioca no passado foi uma grande fonte de renda na comunidade mais que hoje a cultura que se destaca pela sua margem de lucro é o abacaxi. Para eles, é melhor

cultivar o abacaxi do que as outras culturas principalmente a mandioca, pois afirmam “o que você faz em um hectare de abacaxi em dez de roça num dá o dinheiro”.

Para efeitos de comparação de como era a comunidade antigamente e como está hoje recorreremos a um levantamento de imagens obtidas com moradores da comunidade e fotografias tiradas por nós durante os trabalhos realizados em campo.



Fotos 07 e 08: vista de como era a casa de farinha de Dona Maria Davi, onde trabalhava-se com o beneficiamento da mandioca durante quase todo ano. Fonte: Arquivo pessoal de Dona M^a. Davi.

Fotos, 09, 10, 11 e 12: estado em que se encontra a casa de farinha de Dona M^a. Davi nos dias de hoje, com melhores instalações, porém sem funcionamento durante quase todo o ano. Fonte: Adelmo J. Araújo. 2010.



Foto 13: Vista atual da capela de N^a. Senhora da Conceição, Comunidade de Gravatá de Piabas. Fonte: Adelmo J. Araújo. 2010



Fotos 14 e 15: Procissões religiosas do Domingo de Ramos. Épocas distintas na comunidade na primeira década de 1970. Segunda década de 1990. Fonte: Arquivo pessoal de Dona M^ª. Davi.

A partir dos relatos ouvidos pelos que podemos denominar como sendo “os detentores da memória”, observamos que na comunidade de Gravatá de piabas se estabelece uma relação de campesinato, pois o lugar passa a ter não só uma relação de identidade com a comunidade, tal como expresso nas memórias dos mais velhos, como também de reprodução social e cultural dessa comunidade, pois é nesse espaço social onde são contadas e vividas as histórias que são passadas de pai para filho. Tal como coloca Martins (1986), ao afirmar que:

[...] a palavra camponês não designa apenas o seu povo, mas também o seu lugar social, não apenas no espaço geográfico, no campo em contraposição à povoação ou à cidade, mas na estrutura da sociedade; por isso, não é apenas um nome, mas pretende ser também a designação de um destino histórico (MARTINS, 1986, p. 22-23).

Dentro da comunidade a própria relação que se estabelece com a propriedade é a de parentesco, embora já poderemos constatar que parte dessas terras passam por uma problemática atual da questão agrária no Brasil que são: os arrendamentos de terra e a monocultura como prática danosa ao meio ambiente e para fins de exportação.

Podemos constatar essas problemáticas em Gravatá de Piabas, a partir dos agricultores que têm uma relação de identidade com a terra e não se desfazem da

mesma, porém como muitos estão em idade avançada e não podem mais trabalhar no roçado, arrendam suas terras para outros agricultores que trabalham com a monocultura do abacaxi. Cultivo esse voltado exclusivamente para exportação, baseado no modelo de produção capitalista.

Desse modo, constatamos que na comunidade de Gravatá de Piabas convive ambigüidades que trazem a tona o debate da questão agrária atual, pautado num modelo de produção monocultor, voltado para exportação. E por outro, a relação de parentela e de identidade com um lugar, que é expresso como sendo a terra de heranças e de reprodução social familiar.

A monocultura do abacaxi se coloca como sendo a peça chave para compreendermos essa relação capitalista da terra. Sua expansão na comunidade vem trazendo alguns prejuízos não só nas relações de trabalho, mas também ao ambiente.

CAPÍTULO 02 – A CULTURA DO ABACAXI (ANANÁS COMOSUS): ASPECTOS ECONÔMICOS, MORFOLÓGICOS E AS PROBLEMÁTICAS DO CULTIVO.

O abacaxi é uma cultura frutícola tropical amplamente consumido no mundo inteiro. De acordo com dados da Food and Agriculture Organization of the United Nations, (FAO, 2008, citado por Alves 2009), o Brasil é o maior produtor mundial de abacaxi, obtendo no ano de 2007 uma produção de 1.784.278.000 (um bilhão, setecentos e oitenta e quatro milhões, duzentos e setenta e oito mil) frutos, o que equivale a 14,12% de toda a produção mundial no ano de 2007. Tailândia e Filipinas completam o ranking dos três primeiros maiores produtores mundiais da fruta, com uma produção que correspondia, respectivamente, a 12,29% e 10,06% da produção mundial no respectivo ano.

Dentre as espécies frutícolas produzidas em todo o mundo o abacaxi é uma das mais cultivadas, sendo considerada como fruto símbolo das regiões tropicais.

A cultura do abacaxi sempre se destacou na fruticultura, não apenas pelas qualidades do fruto, mas sobretudo por sua rentabilidade, sendo a quinta fruteira tropical em área colhida no mundo e a terceira no Brasil (CUNHA; CABRAL; SOUZA, 1999, p. 3).

“O centro de origem do abacaxizeiro é a bacia do Paraná – Paraguai, uma área limitada por 15 a 30° latitude sul e 40 a 60° graus longitude oeste” (COLLINS, 1960 e PY *et al.* 1984, *apud.* FREITAS, 2003, p. 4).

Segundo Freitas (2003), a cultura do abacaxi, atualmente, tem seu cultivo estendido por todas as regiões intertropicais quentes e úmidas, especialmente nas áreas com altitudes menos elevadas, como por exemplo, ao longo das planícies costeiras dos oceanos que possuem clima regularmente mais favorável ao desenvolvimento da cultura do que no interior dos continentes.

O Brasil por ser um país tropical, apresenta grande favorecimento ao cultivo do abacaxi, sendo essa cultura difundida por todas as regiões do país. No ano de

2008, segundo dados do IBGE, a área plantada foi de 69.980 (sessenta e nove mil novecentos e oitenta) hectares, atingindo uma produção de 1.712.365.000 (um bilhão, setecentos e doze milhões, trezentos e sessenta e cinco) mil frutos.

Conforme podemos observar na tabela 01 abaixo, no ano de 2007 o cultivo do abacaxi no Brasil teve uma elevação na área plantada, tendo uma redução no ano seguinte. Esse fato pode ser explicado pela oscilação no preço do fruto que segundo alguns produtores, tais como observado na fala a seguir, é responsável pelo aumento ou diminuição da área plantada.

No ano em que o preço da bom pode esperar que no ano seguinte todo mundo vai plantar, parece uma peste de abacaxi, mai também quando ele da fraco que muita gente leva prejuízo, ai muitos preferem não arriscar. Eu mermo levei umas surras com abacaxi e passei dez anos sem plantar, mai ai em 2005 voltei a plantar e graças a Deus num to levano prejuízo não (Senhor Antonio Dias, entrevista concedida em fevereiro de 2010).

Tabela 01: Área plantada, colhida, quantidade produzida e valor da produção do abacaxi no Brasil nos anos de 2006 a 2008.

Ano	Área Plantada (hectares)	Área Colhida (hectares)	Quantidade Produzida (mil frutos)	Valor da Produção (mil reais)
2006	68.495	66.845	1.707.088	853.248
2007	72.055	71.886	1.784.278	951.296
2008	69.980	65.982	1.712.365	1.038.687

Fonte: IBGE, produção agrícola municipal.

Os principais estados produtores de abacaxi no Brasil são Paraíba, Minas Gerais, Pará e Bahia, sendo responsável no ano de 2008 por aproximadamente 61% da produção nacional, o que equivale à 1.042.305.000 (um bilhão quarenta e dois milhões trezentos e cinco mil frutos), conforme podemos observar na tabela a seguir.

Tabela 02: produção de abacaxi em mil frutos nos anos de 2006 a 2008.

País/unidade da federação	Ano		
	2006	2007	2008
Brasil	1.707.088	1.784.278	1.712.365
Bahia	142.091	157.019	170.423
Minas Gerais	243.268	238.667	265.520
Pará	354.244	389.971	261.347
Paraíba	343.291	347.515	345.015

Fonte: IBGE, produção agrícola municipal.

De acordo com Vitalino (2006):

Como a cultura do abacaxi é produzida em quase todos os estados do país, ela assume o seu papel no segmento da fruticultura com uma das frutas mais importantes, tanto do ponto de vista social quanto econômico, por ser, em grande parte, conduzida por produtores de baixa renda, que utilizam como base fundamental para o desenvolvimento da cultura a mão-de-obra familiar (VITALINO, 2006, p. 10-11).

No estado da Paraíba, segundo dados do IBGE (2008), grande parte dos municípios apresentam o cultivo do abacaxi, porém dentre todos os 223 municípios paraibanos os que se destacam na produção dessa cultura são Santa Rita, Itapororoca e Araçagi. De acordo com dados estimativos da Produção Agrícola Municipal, realizada pelo IBGE (2008), a produção de abacaxi dos municípios de Santa Rita, Itapororoca e Araçagi correspondem a cerca de 70% de toda produção paraibana no ano de 2008.

Segundo o último censo agropecuário realizado pelo IBGE no ano de 2006, a área em hectares, plantada com abacaxi nos municípios citados acima era respectivamente de 3000, 2800 e 1850. Nos anos seguintes, entre esses três municípios apenas Itapororoca aumentou sua área plantada, alcançando a marca de 3000 hectares, igualando-se a Santa Rita que junto com Araçagi mantiveram a mesma área plantada do ano de 2006.

Tabela 03: área plantada (ha.) com abacaxi no Brasil, Paraíba e maiores produtores do estado Paraibano nos anos de 2006 a 2008.

País, unidade da federação e municípios	Ano		
	2006	2007	2008
Brasil	68.495	72.055	69.980
Paraíba	11.466	11.600	11.536
Santa Rita	3.000	3.000	3.000
Itapororoca	2.800	2.800	3.000
Araçagi	1.850	1.850	1.850

Fonte: IBGE, Produção agrícola municipal.

A tabela, acima mostra as variáveis da área plantada com a cultura do abacaxi no Brasil, na Paraíba e nos três municípios paraibanos, que mais se destacam no cultivo e produção do abacaxi, com dados referentes aos anos de 2006 a 2008.

2.1 – Classificação Botânica e Morfologia do Abacaxi

Segundo Cunha e Cabral (1999), o abacaxizeiro é uma planta herbácea perene e monocotiledônea, ou seja, que apresenta apenas uma folha cuja função é de nutrir a planta durante o início do crescimento, da família *Bromeliaceae*, cujas espécies podem ser divididas em dois grupos distintos, as epífitas, que se desenvolvem sobre outras plantas e as terrestres, que crescem no solo à custa de suas próprias raízes. O nosso abacaxi, cultivado essencialmente para comércio, pertence ao segundo grupo, mais precisamente ao gênero *Ananás*.

De acordo com os autores citados acima, são reconhecidas como válidas oito espécies do gênero *Ananás*, são elas: *Ananás monstrosus*, *Ananás ananassoides*, *Ananás nanus*, *Ananás parguazensis*, *Ananás lucidus*, *Ananás bracteatus*, *Ananás fritzmuelleri* e o *Ananás comosus*.

Essa última espécie abrange todas as cultivares plantadas nas regiões tropicais e subtropicais do mundo, possui uma ampla variabilidade genética e muitas

formas de cultivo. Seu fruto geralmente chega aos 15 cm de comprimento, apresenta, quando atinge a maturação completa, polpa abundante e sucosa de sabor agradável (CUNHA E CABRAL, 1999).

O abacaxizeiro é composto por um caule, também conhecido como talo, curto e grosso, rodeado por folhas em forma de canaleta, estreitas e rígidas. A este talo acham-se inseridas, também, as raízes auxiliares da planta. Uma planta em seu estado adulto chega a medir de 1,00 a 1,20 m de altura e 1,30 a 1,50 m de diâmetro (CUNHA E CABRAL, 1999).

Esses autores salientam ainda que quando em período produção, apresentam suas partes bem desenvolvidas, sendo distribuídas da seguinte forma:

- Raízes adventícias, divididas em auxiliares e subterrâneas;
- Caule, ou eixo principal, onde se acham inseridos os outros órgãos da planta;
- Folhas ou projeções laterais, envolvendo o caule e o pedúnculo e os rebentos, sendo classificadas de acordo com seu formato e posição;
- Pedúnculo, parte que se desenvolve como prolongamento do caule e sustenta a inflorescência e o fruto;
- Rebentos ou mudas, que são classificadas de acordo com a posição na planta em filhote, filhote-rebentão e rebentão;
- Fruto; e
- Coroa, surge no topo do fruto e é uma extensão do pedúnculo.

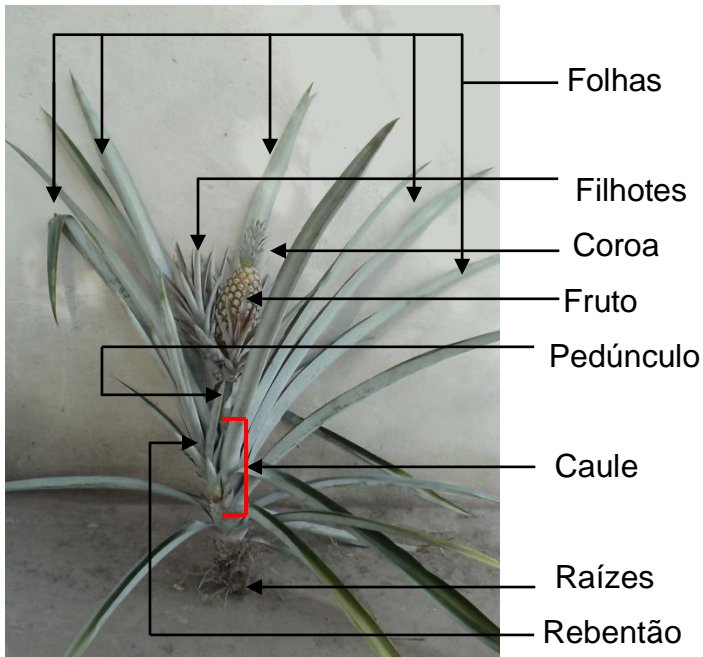


Foto 16: Morfologia do abacaxizeiro.
Fonte: Adelmo J. Araújo 2010.

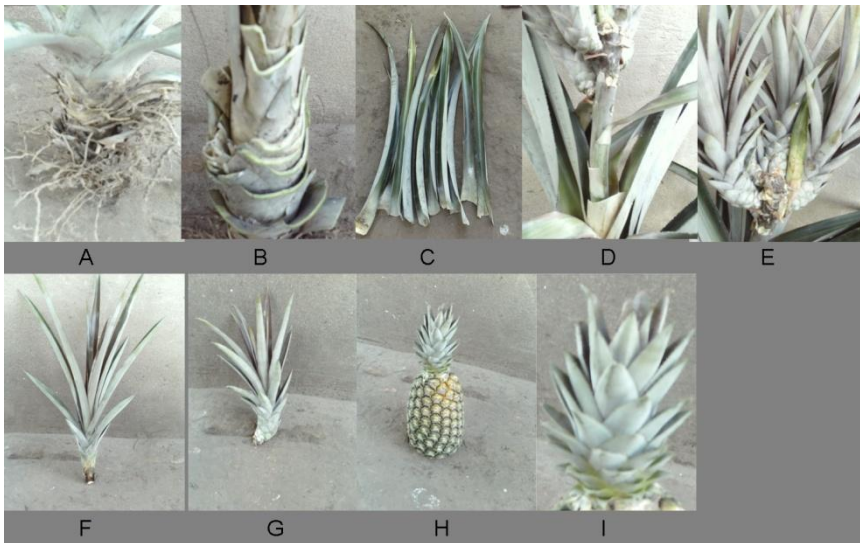


Foto 17: PARTES INTEGRANTES DO ABACAXIZEIRO, A: Raízes, B: Caule, C: Folhas, D: Pedúnculo, E: Filhotes, F: Rebentão, G: Filhote-rebentão, H: Fruto, I: Coroa. Fonte: Adelmo J. Araújo, 2010.

De acordo com Py et al., (1984), apud Cunha e Cabral (1999), as principais cultivares de abacaxi mais cultivado e conhecido do mundo são classificadas em cinco grupos distintos, Cayenne, Spanish, Quenn, Pernambuco e Mordilona Perolera. Esta classificação é feita de acordo com um conjunto de características

comuns, relativos ao porte da planta, à forma do fruto, à importância das brácteas e às características morfológicas das folhas, conforme pode ser observada na tabela abaixo.

Tabela 4: Principais características dos grupos de abacaxi mais conhecidos.

características	Grupo Cayenne	Grupo Spanish	Grupo Queen	Grupo Pernambuco	Grupo Perolera-Maipure
Filhotes	Cultivares sem e com filhotes	Numero variável	Numero variável	Numerosos	Numerosos
Rebentões	Alguns	Alguns	Muitos	Raros	Alguns
Comprimento das folhas	Relativamente curtas	Longas	Curtas	Longas	Longas
Espinhos	Nas extremidades	Em toda superfície	Em toda superfície	Em toda superfície	Completamente espinhoso
Pedúnculo	Relativamente curto	Mais longo que cayenne	Relativamente curto	Mais longo que cayenne	Mais longo que cayenne
Peso médio do fruto	Elevado	Menor que cayenne	Pequeno	Menor que cayenne	Semelhante à cayenne
Formato do fruto	Cilíndrico	globuloso	Cilíndrico cônico	Cônico	Cilíndrico
Cor da polpa	Amarelo-pálida	Branca	Amarelada	Branca	De branca a amarela

Fonte: Py et al. (1984). Elaboração: Adelmo J. Araújo (2010).

Dos grupos de cultivares mostrado acima algumas são plantadas em escalas menores, tendo sua comercialização voltada para mercados locais e regionais sendo pouco utilizado para exportação. Dentro dessas cultivares destaca-se a cultivar Pérola, pertencente ao grupo Pernambuco, que é cultivada exclusivamente no Brasil, e a Jupi. A primeira apresenta a planta com porte médio, crescimento ereto, folhas com aproximadamente 65 cm com espinhos em todos os bordos. Seu fruto tem formato cônico, polpa branca e pode chegar a até 1,5 kg, e apesar de suas características organolépticas, é pouco apropriado para a industrialização. A segunda assemelha-se bastante a primeira, da qual é diferenciada somente pelo formato cilíndrico do fruto. Amplamente cultivado nos estados de Pernambuco e

Paraíba esta cultivar vem sendo difundida em outros estados pelo fato de que os consumidores preferem frutos com forma cilíndrica.

2.2 – Características, formas de plantio e problemáticas do cultivo

As duas principais formas de plantar o abacaxizeiro são, de acordo com agricultores de chão, quando a planta (muda) é fixada ao nível do solo em covas abertas com método manual; e de leirão, que são feitos através de sulcos com trator, onde a planta (muda) é fixada em cima desses leirões. Esse segundo tipo de plantio é mais recomendado para áreas de várzeas onde o solo é mais úmido. Ver fotos abaixo.



Foto 18: plantio do abacaxi no sistema de cultivo de chão. Fonte: Adelmo J. Araújo. 2010



Foto 19: plantio do abacaxi no sistema de cultivo de leirões. Fonte: Adelmo J. Araújo. 2010

No cultivo do abacaxi, como em todas as outras culturas agrícolas, o processo de produção é dividido em fases distintas que são: o preparo da terra, o plantio, os tratos culturais e a colheita. Esse ciclo produtivo pode levar de 18 a 24 meses, de acordo com as condições do solo, do clima e da planta.

PREPARO DO TERRENO – essa é a primeira fase do ciclo produtivo da cultura do abacaxi, onde a terra é preparada para receber as mudas. Esse preparo é feito de acordo com o terreno onde se deseja plantar a cultura. Em áreas de vegetação densa ou de mata se faz necessário a retirada dessa vegetação através de uma operação de desmatamento, que pode ser realizado através de maquinários específicos ou com ferramentas manuais. No caso da comunidade de Gravatá de Piabas, essa operação é feita na maioria das vezes de forma manual.

A principal característica dessa fase é a utilização operações mecanizadas com tratores para realizar a gradagem, e em alguns casos, a abertura de sulcos para o plantio em leirões, essas operações são realizadas através de serviços terceirizados que variam de R\$ 50,00 a R\$ 60,00 por hora.

PLANTIO – após o preparo do solo é hora de começar o plantio propriamente dito. Nessa fase as mudas, também chamadas de fiação, são retiradas das chamadas socas para darem origem a uma nova plantação. O plantio do abacaxi é realizado de forma manual onde são abertos covas no terreno para a fixação das mudas no solo.

TRATOS CULTURAIS – é nessa fase onde são realizadas as operações de tratamento da cultura. Os tratos culturais mais comuns utilizados no cultivo do abacaxi são as adubações, as limpas e a indução floral.

As adubações são realizadas para suprir a necessidade de nutrientes tanto do solo quanto da planta. Durante o ciclo produtivo da cultura pode-se realizar até 03 ou mais aplicações de fertilizantes dependendo da necessidade da planta.

As limpas são realizadas durante todo o ciclo produtivo, podendo ser realizada com a utilização de enxadas ou através da aplicação de herbicidas para combater as ervas invasoras.

A indução floral consiste na aplicação de carbureto de cálcio na roseta foliar, também conhecido pelos produtores como olho da planta. Essa etapa se torna muito importante no processo de produção, pois através dela os produtores podem programar a colheita para tentar conseguir um preço melhor na época de venda.

COLHEITA – a última etapa do ciclo produtivo do abacaxi. Nessa fase o trabalho fica por conta do comprador que organiza equipes para fazer a colheita nos roçados. A colheita é feita manualmente e consiste na retirada do fruto que é transportado em balaios para os caminhões que se encontram próximos aos roçados.

Para discutir sobre a problemática da cultura do abacaxi na comunidade de Gravatá de Piabas, primeiro temos que entender melhor sobre a questão agrária, pequenas e grandes propriedades rurais e sobre monocultura. Para isso iremos discutir essas problemáticas com base nas idéias de Ariovaldo Umbelino de Oliveira, destacadas em sua obra *A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária*, publicada em 2001.

A questão da concentração fundiária no Brasil, como coloca Oliveira (2001), tem características, *sui generis*, ou seja, tem características únicas na história mundial. Segundo o autor em momento algum da história foram registrados extensões de terras privadas como as encontradas no Brasil.

Em nenhum momento da história da humanidade houve propriedades privadas com a extensão das encontradas no Brasil. A soma da área ocupada pelas 27 maiores propriedades privadas no país é igual à superfície total ocupada pelo estado de São Paulo, ou, se for somada à área ocupada pelas 300 maiores propriedades privadas no país, ela equivale a duas vezes a superfície total deste mesmo estado (OLIVEIRA, 2001, P. 187).

Para o autor essa concentração fundiária ocorre porque a terra, concentrada nas mãos de grandes grupos econômicos funcionam como reserva de valor e como reserva de patrimônio, ou seja, a terra é usada como garantia para o acesso a financiamentos bancários e/ou como incentivos a políticas governamentais.

As grandes propriedades de terras, os latifúndios, ao contrário do que muitos podem pensar produzem bem menos que as propriedades consideradas como pequenas. Para se ter uma idéia, as propriedades de terras tidas como pequenas, são responsáveis por quase 50% da riqueza que vem do campo.

De acordo com Oliveira (2001), os pequenos produtores do país, mesmo sem grande acesso as novas tecnologias, são responsáveis por grande parte da produção agrícola do Brasil, ou seja, é a pequena propriedade que coloca comida na mesa do brasileiro.

[...] esses teimosos camponeses são responsáveis por mais de 50% da produção de batata-inglesa, feijão, fumo, mandioca, tomate, agave, algodão em caroço arbóreo, banana, cacau, café, caju, coco, guaraná, pimenta-do-reino, uva e a maioria absoluta dos hortigranjeiros. Produzem também, mais de 50% do rebanho suíno, das aves, dos ovos e do leite. Os médios estabelecimentos (100 a 1000 ha.) e os grandes (mais de 1000 ha.), ainda que ocupando 283 milhões de hectares (82% do total), respondem por mais de 50% apenas no volume da produção de algodão em caroço herbáceo, arroz, cana-de-açúcar, milho, soja, trigo, chá-da-Índia, laranja, maçã e mamão. A mesma realidade aparece nos dados referentes ao valor da produção agropecuária, pois as unidades com área de até 100 ha. produziram 46,5% do total, ou seja, 18% da área agrícola gera quase a metade da riqueza oriunda do campo. Enquanto isso, os estabelecimentos com mais de 1000 ha. produziram apenas 21,2% do valor de produção, embora ocupem 45% da área total (OLIVEIRA, 2001, p. 189).

A partir das colocações de Oliveira (2001), podemos constatar que a grande concentração de terras no Brasil, não só gera desigualdades sociais como também influencia nos aspectos econômicos do país. Os grandes latifundiários utilizam a terra como reserva de patrimônio, como foi exposto antes, e dessa forma as terras deixam de produzir, e deixam de gerar riquezas para o país. Ou seja, como podemos observar nas palavras do autor, essas grandes propriedades só produzem mais que as pequenas quando se trata de monoculturas ou culturas que dependem

de grande demanda de tecnologia e insumos “respondem por mais de 50% apenas no volume da produção de algodão em caroço herbáceo, arroz, cana-de-açúcar, milho, soja, trigo, Chá-da-Índia, laranja, maçã e mamão”.

É em decorrência deste conjunto de razões, que teimosamente os camponeses lutam no Brasil em duas frentes: uma para entrar na terra, para se tornarem camponeses proprietários; e, em outra frente, lutam para permanecer na terra como produtores de alimentos fundamentais à sociedade brasileira (OLIVEIRA, 2001, P. 189).

Diferentemente do que foi exposto por Oliveira (2001), na comunidade de Gravatá de Piabas, o problema não são as grandes propriedades, visto que nessa localidade as propriedades dos agricultores são tidas como pequenas. Na comunidade em estudo os maiores problemas enfrentados são a difusão, mesmo que nas pequenas propriedades, da monocultura do Abacaxi (*ananás comosus*), que está tomando o lugar da policultura de subsistência; a utilização do arrendamento de terras, por parte dos produtores de abacaxi que não possuem terras suficientes para o cultivo e acabam arrendando propriedades dos vizinhos que muitas vezes não cultivam por já estarem em idade avançada; e pelo fato das propriedades serem pequenas ocorre um outro grave problema que são as constantes derrubadas e queimadas das matas ainda existentes na localidade, visto que na falta de terras para cultivo os agricultores utilizam a derrubada das matas para aumentarem suas áreas de plantio.



Foto 20: Área de mata derrubada e queimada para plantio da cultura do abacaxi. Fonte: Adelmo J. Araújo. 2010



Foto 21: Mesma área acima depois de retirado resto da vegetação e implantada a cultura do abacaxi. Fonte: Adelmo J. Araújo. 2010



Foto 22: Área de vegetação que foi queimada para a implantação do cultivo do abacaxi. Fonte: Adelmo J. Araújo. 2010

As fotos acima mostram um pouco da realidade encontrada na comunidade de Gravatá de Piabas, onde o cultivo do abacaxi gera renda e ao mesmo tempo está destruindo o bem mais precioso que os camponeses dispõem para seu próprio sustento, a terra.

Esse modelo de agricultura desenvolve-se dentro da comunidade através de uma otimização do lucro, visto pelos agricultores como sendo a única cultura que realmente se tem para obtenção do lucro ao fim de cada safra. Essa idéia é compartilhada por todos os produtores que ao serem interrogados pela opção do cultivo do abacaxi, afirmaram que é a única cultura em que se investe e tem um retorno considerável ao fim do cultivo.

Embora dentro da comunidade, tenha se intensificado um modelo de agricultura monocultora, onde se visa a obtenção do lucro, a comunidade apresenta características camponesas, observadas principalmente pelo fato de mesmo essa cultura se desenvolver através de um modelo monocultor, o seu cultivo ocorre com base na força do trabalho familiar.

Quanto à questão colocada por Ariovaldo Umbelino de Oliveira, sobre a pequena propriedade colocar comida na mesa do brasileiro, acreditamos que na comunidade de Gravatá de Piabas seria interessante para cultivo do abacaxi a associação no plantio, fazendo o cultivo intercalado com culturas ditas como de subsistência. Ou seja, aproveitar a terra utilizada para o plantio do abacaxi e intercalar esse cultivo com outras culturas como o feijão, o milho e a fava. Assim, o produtor continua a ter seu lucro com a cultura do abacaxi e retorna a produzir parte de seu alimento.

CAPÍTULO 3 – A COMUNIDADE DE GRAVATÁ DE PIABAS: DESAFIOS E CONTRADIÇÕES NO ESPAÇO

No decorrer de nossa pesquisa, uma das etapas realizadas foram as entrevistas com os produtores de abacaxi da comunidade de Gravatá de Piabas. Essas entrevistas foram realizadas através de questionários pré- elaborados (ver APENDICE 01), buscamos através dessas entrevistas fazer uma análise sobre as condições de produção e cultivo do abacaxi e também conhecer melhor a estrutura familiar dos produtores na comunidade em questão. Os resultados obtidos serão apresentados a seguir, no decorrer desse capítulo.

O espaço é compreendido por Santos (2006) como, um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, que não podem ser considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história acontece. Sistema de objetos, esses cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente lotados de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes. Assim os sistemas de objetos condicionam a maneira com que os sistemas de ações acontecem e por outro lado é através das ações têm-se a criação de novos objetos. Segundo o autor citado acima essa é a dinâmica do espaço.

Dessa forma, na comunidade de Gravatá de Piabas podemos considerar como o sistema de objetos a própria comunidade e o cultivo do abacaxi como um sistema de ações que modela o espaço dessa comunidade.

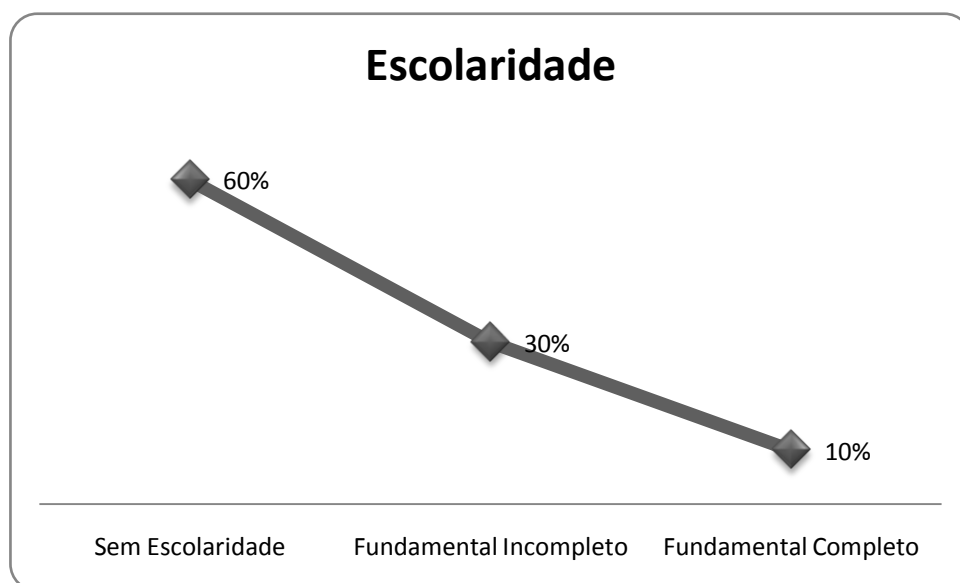
Elaboramos nosso questionário em três partes, na primeira buscamos fazer um levantamento sobre as características do produtor e de sua base familiar, na segunda pesquisamos sobre as formas de cultivo do abacaxi e na ultima parte trabalhamos com informações referentes às políticas publicas aplicadas ao cultivo e a programas sociais.

As entrevistas foram realizadas no período de fevereiro a março de 2010, com 10 dos aproximadamente 25 produtores da comunidade.

Dos produtores entrevistados a grande maioria, 60%, declarou não serem alfabetizados, isso devido as condições adversas que os mesmo enfrentaram durante a infância, tendo que trabalhar ajudando os pais desde cedo e hoje mesmo com os programas de Educação de Jovens e Adultos, não se acham motivados a estudar, pois trabalham durante o dia e segundo eles a noite estão muito cansados, pois a lida na roça e principalmente com a cultura do abacaxi é muito cansativa.

Os dados obtidos sobre a escolaridade dos entrevistados são mostrados no gráfico abaixo.

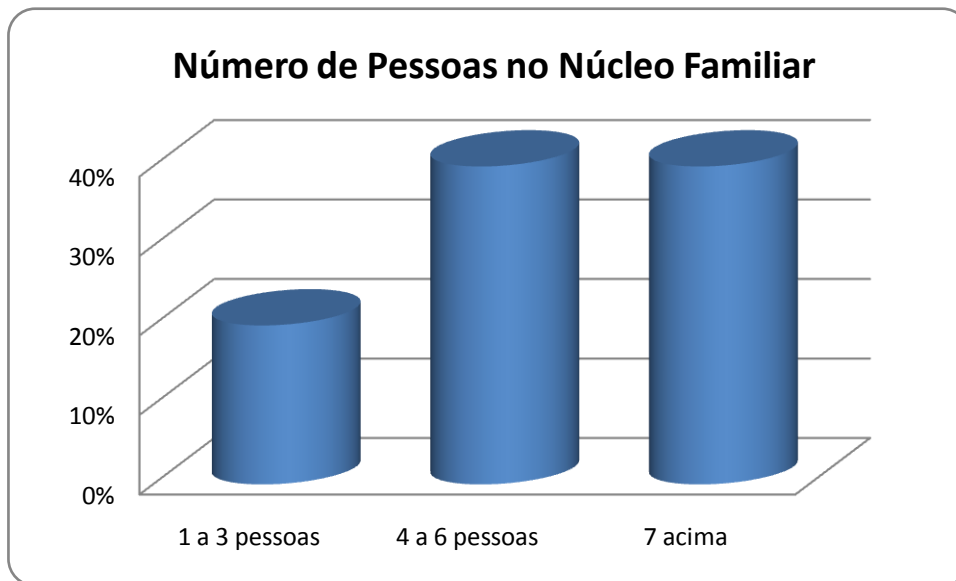
GRÁFICO 01: NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PRODUTORES



Fonte: Adelmo J. Araújo, entrevistas realizadas entre fevereiro e março de 2010.

O gráfico 02 traz informações sobre o número de pessoas que compõem o núcleo familiar dos produtores entrevistado.

GRÁFICO 02: NÚMEROS DE PESSOAS NO NÚCLEO FAMILIAR

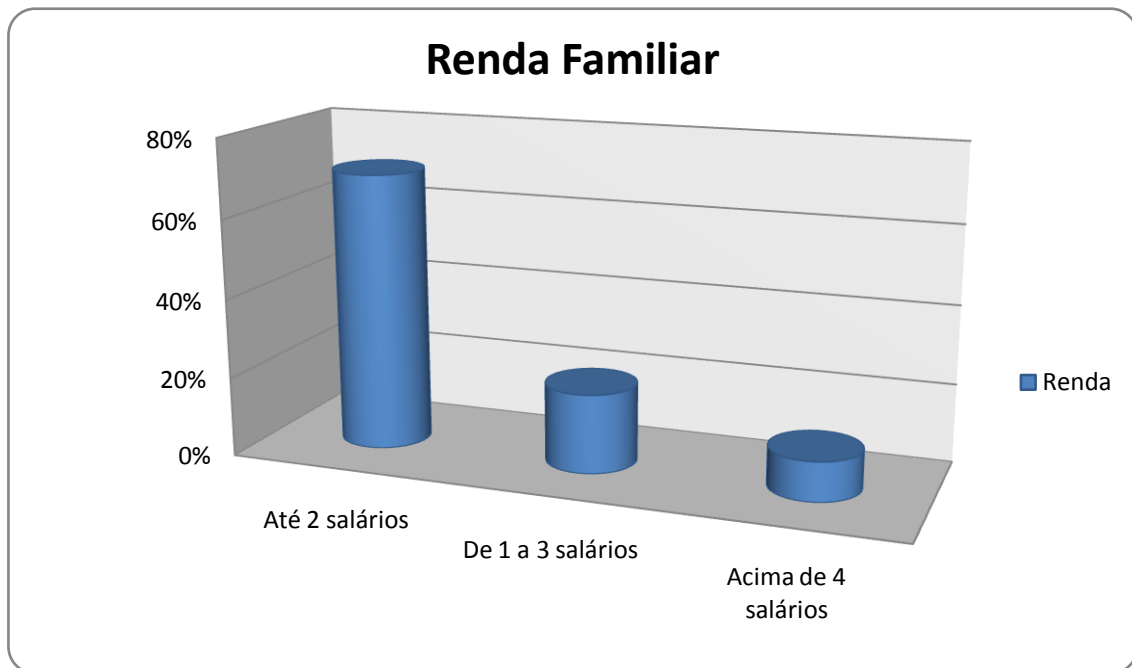


Fonte: Adeldo J. Araújo, entrevistas realizadas entre fevereiro e março de 2010.

Como podemos observar nos dados apresentados no gráfico acima, a base familiar dos produtores é formada em grande parte por mais de 04 pessoas incluindo crianças e idosos. Essas famílias geralmente ocupam o minifúndio, que são pequenas propriedades rurais que se opõem aos latifúndios, possuem quase sempre menos de 50 hectares de extensão, porém a média é de 20 hectares. De acordo com o Estatuto da Terra minifúndio é “o imóvel rural de área e possibilidades inferiores às da propriedade familiar”. Na grande maioria dos casos, os núcleos familiares aumentam e os espaços de roçado permanecem sendo os mesmos que atendiam a reprodução familiar do núcleo menor. Em muitos casos, esses camponeses são obrigados a trabalhar alugado ou migrarem para outros lugares.

A renda mensal das famílias dos produtores entrevistados varia de 01 até mais de 04 salários mínimos ao mês, porém nessa renda não entra o lucro conseguido com a venda do abacaxi, aqui foi considerado como renda apenas as receitas obtidas mensalmente regulares como aposentadoria, auxílio de programas governamentais, ou receitas provenientes de outros trabalhos do produtor ou de parentes do núcleo familiar. Os dados referentes à renda familiar dos produtores são expressos no gráfico a seguir.

GRÁFICO 03: RENDA FAMILIAR DOS PRODUTORES



Fonte: Adelmo J. Araújo, entrevistas realizadas entre fevereiro e março de 2010.

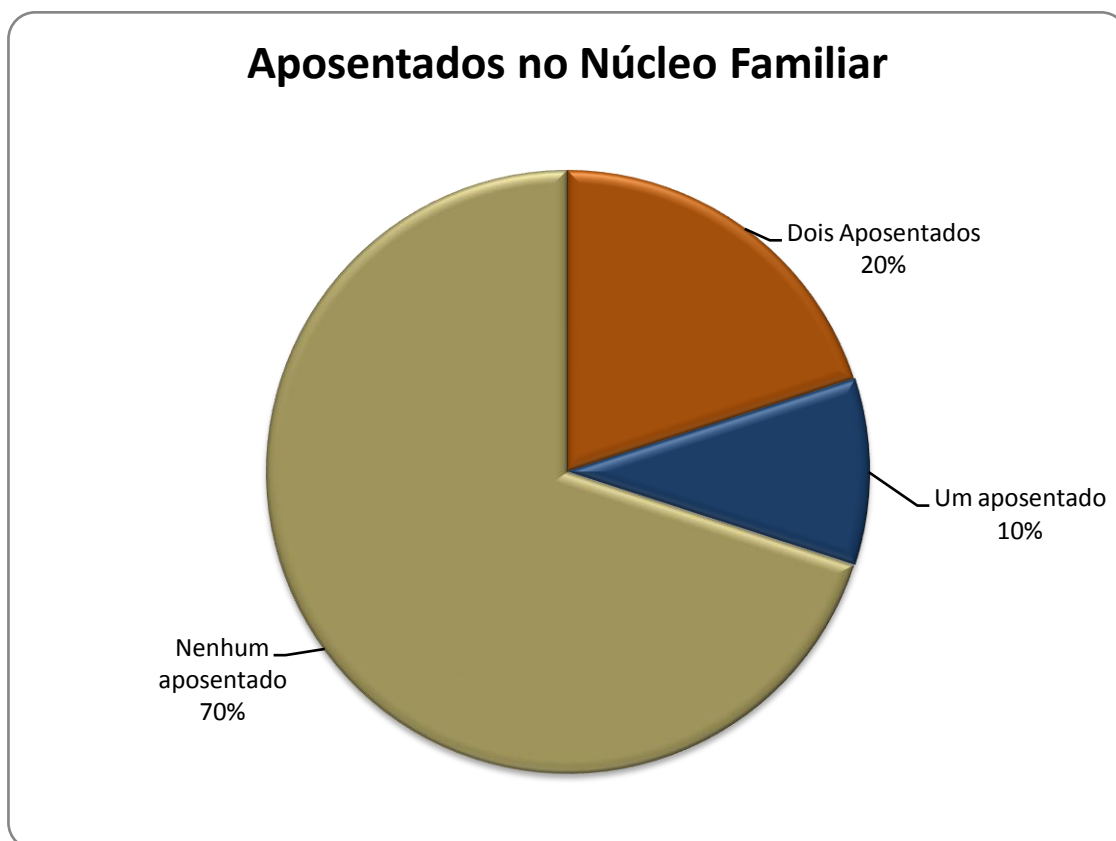
Como se pode observar nos dados apresentados no gráfico acima 70% dos produtores entrevistados vivem numa faixa de renda mensal que pode chegar a até 02 salários mínimos. Lembrando que nessa renda não entra as receitas obtidas com a venda dos abacaxis.

Segundo os produtores a renda obtida com a venda do abacaxi varia de acordo com período de venda, com o fruto e principalmente com a oferta do produto. De acordo com relatos dos produtores a hectare do abacaxi quando “o preço tá bom” varia entre 08 e 14 mil reais, podendo também ser vendido por menos ou até mais, isso vai depender do comprador e da época de venda.

Dos produtores entrevistados apenas 03 deles, (30%) afirmaram ter em seu núcleo familiar aposentados, que são eles mesmos, desses apenas 02 ainda trabalham efetivamente com o cultivo do abacaxi e utilizam a aposentadoria como fonte de sobrevivência e como meio de investimento na produção do abacaxi e o outro por estar “cansado” disse ter deixado de cultivar o abacaxi e hoje cultiva

apenas para o consumo familiar. O gráfico 04 abaixo mostra o número de aposentados no núcleo familiar dos entrevistados.

GRÁFICO 04: NÚMEROS DE APOSENTADOS NO NÚCLEO FAMILIAR



Fonte: Adelmo J. Araújo, entrevistas realizadas entre fevereiro e março de 2010.

3.1 – O trabalho com o abacaxi: A realidade do espaço em Gravatá de Piabas

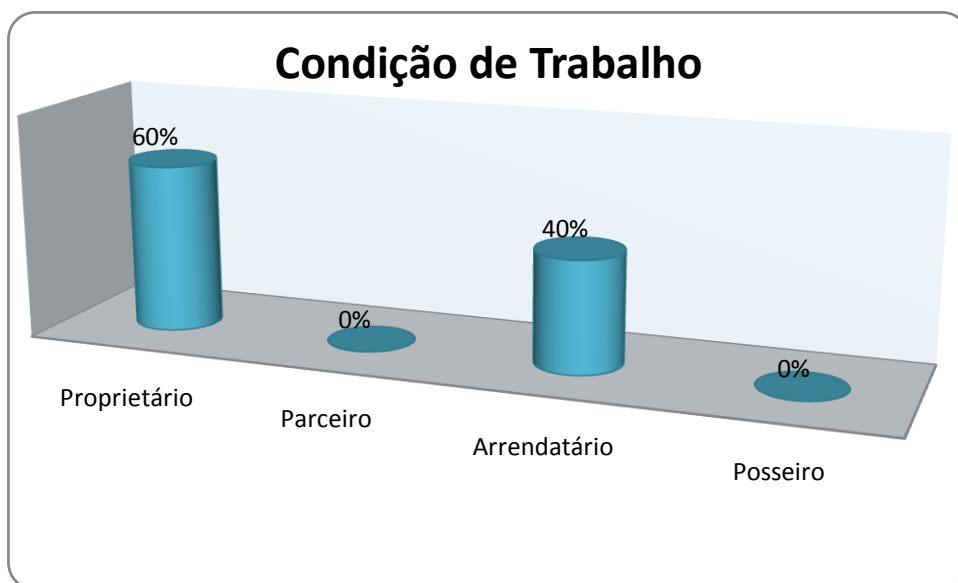
A seguir apresentaremos os dados referentes às condições de cultivo do abacaxi na comunidade de Gravatá de Piabas.

De acordo com os dados obtidos com nossa pesquisa, a condição de trabalho dos produtores de abacaxi da comunidade em questão é caracterizada principalmente pela propriedade privada e pelo arrendamento. No primeiro caso os produtores são os donos das terras cultivadas, pois possuem propriedades maiores

e no segundo caso os produtores pagam uma taxa de arrendamento aos proprietários das terras para assim poderem cultivar.

Essas taxas de arrendamento variam de acordo com o terreno a ser arrendado, terrenos já beneficiados custam de R\$ 500,00 a 600,00 reais por hectare e terrenos de mata, onde necessita de ser feita uma derrubada custa na faixa de R\$ 400,00 a 500,00 reais.

GRÁFICO 05: CONDIÇÃO DE TRABALHO DOS PRODUTORES DE ABACAXI



Fonte: Adelmo J. Araújo, entrevistas realizadas entre fevereiro e março de 2010.

O gráfico 06 traz informações referentes à questão do uso de mão de obra assalariada na produção do abacaxi na comunidade de Gravatá de Piabas. Dos produtores entrevistados 08 deles afirmaram usar mão-de-obra assalariada no cultivo do abacaxi. Conforme podemos observar nos dados apresentados no gráfico a seguir.

GRÁFICO 06: UTILIZAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA NA PRODUÇÃO DO ABACAXI



Fonte: Adelmo J. Araújo, entrevistas realizadas entre fevereiro e março de 2010.

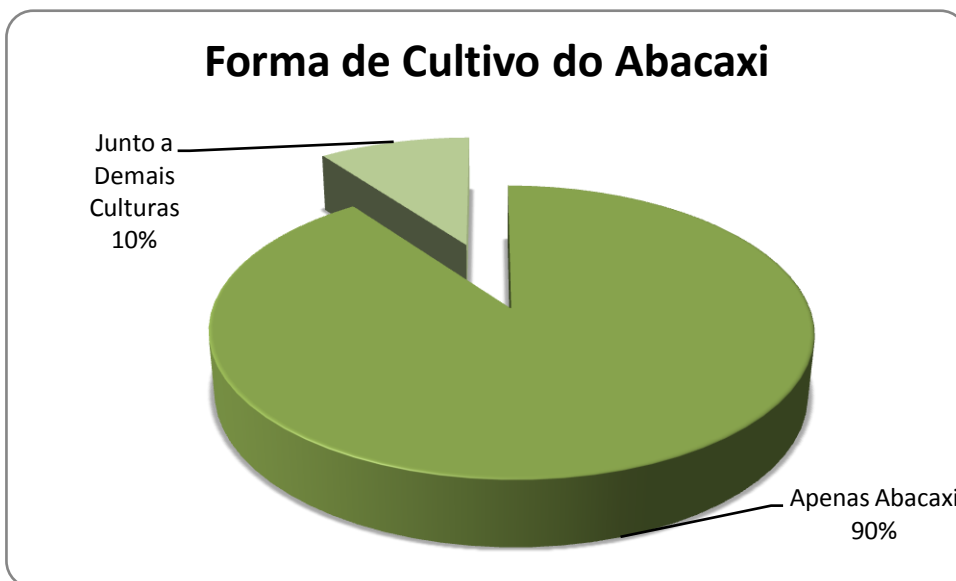
Porém, como podemos observar na fala de um dos produtores entrevistados a utilização dessa mão-de-obra ocorre na forma de pagamentos de diárias principalmente nas épocas de plantio e tratos culturais no decorrer do cultivo.

Quanto a questão de mão-de-obra assalariada no cultivo do abacaxi o senhor Marinaldo Araújo, nos informou o seguinte:

Olhe, é o seguinte, agente faz assim, agora mesmo que é época de plantio, eu to plantando, to pagando pra plantar, já que o plantio é feito todo manual e é demorado. Mas agente também paga pra limpar, pois quanto é época de limpa eu não limpo sozinho e preciso pagar pra limpar, pra agoar essas coisas assim. Rapaz no decorrer do cultivo agente pode empregar de 05 a 06 pessoas, agora é assim durante uma ou duas semanas, pagando diárias, assim agente paga quando vai plantar ai só chama pra trabaia de novo quando vai limpar. Agente paga em torno de R\$ 20,00 a 25,00 por dia a cada trabaiaador (senhor Marinaldo Araújo, em entrevista concedida em fevereiro de 2010).

Na comunidade de Gravatá de Piabas a cultura do abacaxi se sobressai em relação às demais, só pra se ter uma idéia dos produtores entrevistados todos cultivam o abacaxi e desses, 90% afirmaram plantar a cultura separada das demais.

GRÁFICO 07: FORMA DE CULTIVO DO ABACAXI



Fonte: Adeldo J. Araújo, entrevistas realizadas entre fevereiro e março de 2010.

De acordo com os produtores, eles plantam a cultura do abacaxi de forma simples, sem ser consorciado com outras culturas para facilitar o trato cultural do abacaxi e pra que não haja uma concorrência entre o abacaxi e as demais culturas pelos nutrientes da terra, dessa forma a planta absorve melhor os nutrientes e se desenvolve de forma mais eficaz.

Em conversa durante as entrevistas um dos produtores falou o seguinte:

No cultivo do abacaxi é melhor plantar ele sozinho, porque é mais fácil de lidar com ele, se a pessoa plantar outras lavouras dentro fica mais trabalhoso de tratar além de tirar a força do abacaxi. Veja só quando agente planta ele sozinho toda a força da terra e do adubo que agente coloca vai só pro abacaxi mais quando a pessoa plantar ele e junto planta outra lavoura a força do adubo que agente usa vai dividido pro abacaxi e pra outra lavoura e isso num é bom, pois o abacaxi fica fraco e num dá um fruto bom. Sem falar que quando tem lavoura dentro a pessoa tem que ta limpando direto já que num pode agoar, pois se agoar perde a lavoura. Por isso é que agente prefere plantar ele sozinho sem nenhuma outra coisa dentro, ai se quiser plantar feijão, milho, mandioca, fava agente planta separado do abacaxi, agora planta pouco só pra comer mermo (senhor Sergio Murilo, em entrevista concedida em março de 2010).

Dos produtores que nos concederam entrevista apenas 01 afirmou plantar o abacaxi junto a outras culturas. Durante nossa conversa ele falou quando indagado sobre como fazia o plantio do abacaxi ele nos falou o seguinte:

Bem eu planto o abacaxi ai junto planto as lavouras pra aproveitar o terreno. Assim eu planto o abacaxi ai quando ele ta pegado eu planto primeiro o feijão macaça, depois planto o milho, ai quando colhe, dá uma adubação no abacaxi e pra aproveitar o adubo eu planto o feijão carioca e o preto. Eu planto tudo junto porque ai, eu além de aproveitar o terreno e aproveito também o trabalho, pois já que tenho de tratar do abacaxi já faço um trabalho só e trato das lavouras também. Muita gente por aqui num gosta de plantar abacaxi assim não mas eu mermo prefiro assim pois desse jeito eu aproveito meu trabalho e meu terreno (senhor Antonio Dias, em entrevista concedida em fevereiro de 2010).

Como já foi colocado acima grande parte dos produtores entrevistados cultivam o abacaxi de forma solteiro, ou seja, ele é plantado sozinho, porém esses produtores cultivam também outras culturas de subsistência em outras áreas. A tabela abaixo mostra as culturas cultivadas na comunidade de Gravatá de Piabas além do abacaxi.

TABELA 05: OUTRAS CULTURAS PRODUZIDAS NA COMUNIDADE

CULTURA	TIPO DE CULTIVO
Milho	Subsistência/Consortado
Mandioca	Subsistência/Consortado
Feijão	Subsistência/Consortado
Fava	Subsistência/Consortado
Inhame	Subsistência/Consortado
Batata-doce	Subsistência/Consortado

Fonte: entrevistas realizadas entre fevereiro e março 2010

De acordo com as informações prestadas pelos produtores entrevistados, na produção do abacaxi, em Gravatá de Piabas, são utilizados diversos tipos de insumos agrícolas (agrotóxicos e fertilizantes) que auxiliam no crescimento e controle de pragas e ervas daninha. Grande parte dos produtores de abacaxi faz utilização desses agrotóxicos no cultivo. Segundo relatos dos produtores a utilização de agrotóxicos é feita principalmente para controle de ervas daninha durante o cultivo, como podemos observar nos depoimentos abaixo.

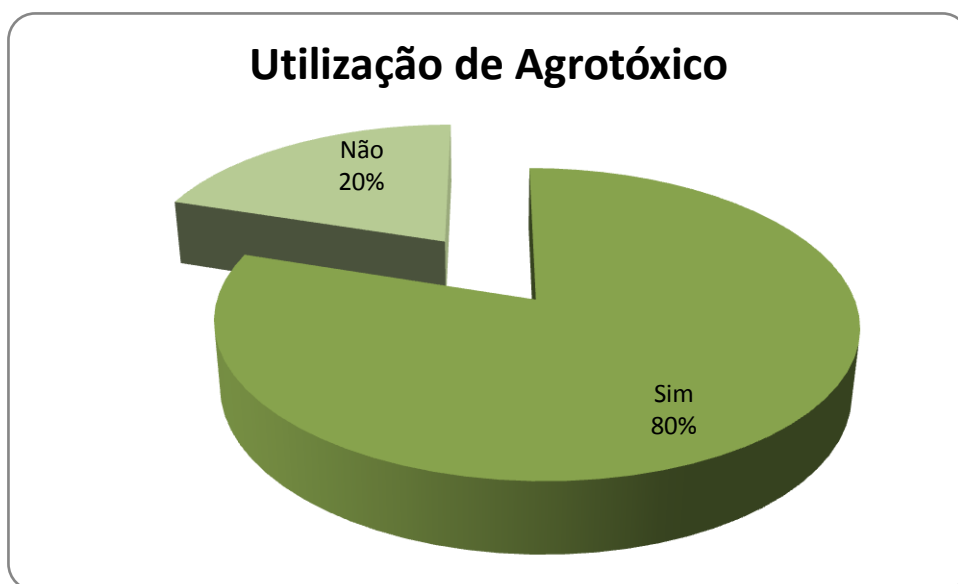
Rapaz, agente trabalha mais com o veneno pelo seguinte, é que com o veneno alivia mais a situação do abacaxi e nossa, por que veja a gente for botar trabalhador pra limpar pagando diárias, eles vão ta dentro do roçado direto durante praticamente todo o período de cultivo, assim agente agoa com o veneno porque dá mais uma fuga e a pessoa tem mais um descansozinho no trabalho pra cuidar de outras coisas no sítio (senhor Marinaldo Araújo, em entrevista concedida em fevereiro de 2010).

Outro produtor, o senhor Murilo Floriano, sobre a utilização de agrotóxicos nos relatou o seguinte:

Uso sim e bastante, pois o veneno diminui muito o trabalho com a limpa, o trato do abacaxi num sabe? A gente quando agoa diminui a mão-de-obra, a gente sai ganhando muito mais, porque veja, em 01 hectare de abacaxi se o mato tiver grande pra pessoa limpar, dentro de uma semana com três trabalhador você ainda num termina e se for aguando com esses mesmos três trabalhador você gasta no máximo dois dias. Ta vendo o quanto a gente ganha? Agora me diga é melhor ou num é? Por isso é que eu uso muito veneno, durante o cultivo eu faço umas 05 ou 06 aguações (senhor Sergio Murilo, em entrevista concedida em março de 2010).

No gráfico abaixo podemos observar os dados referentes à utilização de agrotóxicos no cultivo do abacaxi na comunidade de gravatá de Piabas – Araçagi - PB.

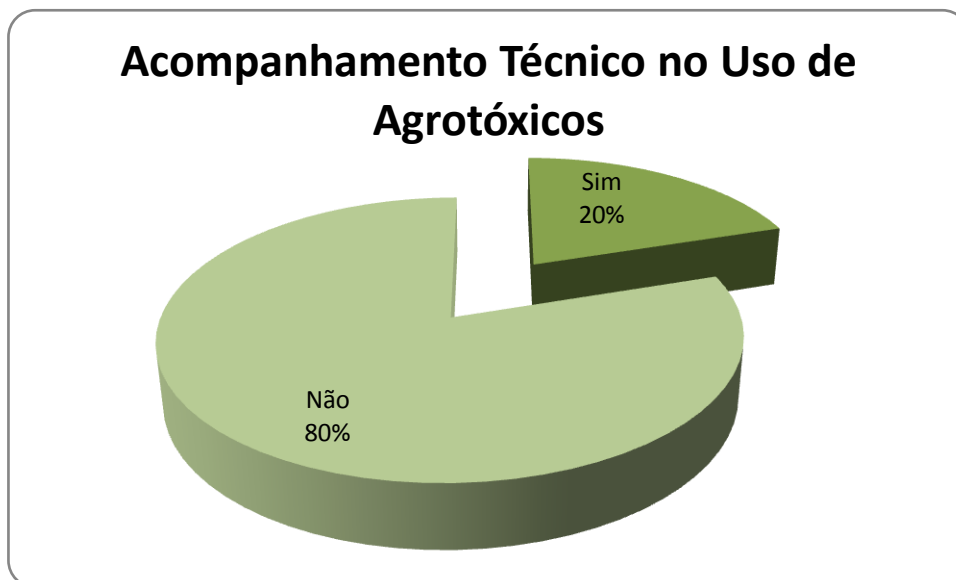
GRÁFICO 08: UTILIZAÇÃO DE AGROTÓXICOS



Fonte: Adelmo J. Araújo, entrevistas realizadas entre fevereiro e março 2010

A utilização desses insumos na maioria das vezes é feito sem orientação de técnicos agrícolas e as aplicações são feitas de acordo com as necessidades observadas pelos produtores. O gráfico abaixo mostra os dados referentes ao acompanhamento técnico na utilização dos insumos agrícolas no cultivo do abacaxi na comunidade em estudo.

GRÁFICO 09: ACOMPANHAMENTO TÉCNICO NA UTILIZAÇÃO DE AGROTÓXICOS



Fonte: Adelmo J. Araújo, entrevistas realizadas entre fevereiro e março 2010

A utilização desses agrotóxicos na produção do abacaxi na comunidade de Gravatá de Piabas, como já exposto acima se dá principalmente para controle de pragas e doenças e no combate as ervas invasoras. Através das entrevistas realizadas com os produtores podemos ter acesso aos tipos de agrotóxicos mais utilizados no cultivo do abacaxi na comunidade em estudo. Esses agrotóxicos estão listados no quadro abaixo.

QUADRO 01: PRINCIPAIS AGROTÓXICOS UTILIZADOS NO CULTIVO DO ABACAXI NA COMUNIDADE DE GRAVATÁ DE PIABAS – ARAÇAGI/PB.

Nome comercial	Classe toxicológica	Grupo químico	Tipo
Derosal Plus	III Medianamente Tóxico	Benzimidazol e Dimetilditiocarbamato	Fungicida
Diuron Nortox	III Medianamente Tóxico	Uréia	Herbicida
Decis 200 EC	IV Pouco Tóxico	Piretroide	Inseticida
Folidol	I Extremamente Tóxico	Organofosforado	Inseticida
Glifosato Nortox	IV Pouco Tóxico	Glicina substituída	Herbicida
Karmex	III Medianamente Tóxico	Uréia	Herbicida
Karmex 800	III Medianamente Tóxico	Uréia	Herbicida
Metrimex	III Medianamente Tóxico	Triazinas	Herbicida

Fonte: pesquisas de campo realizadas em fevereiro e março de 2010.

Esses insumos, quando utilizados de forma incorreta, representam grande ameaça ao ambiente, principalmente quando são utilizados sem obedecer ao período de carência, que é o intervalo de tempo entre cada aplicação, estipulada pelo fabricante do produto para que sua ação sobre o solo, água e até mesmo sobre a própria cultura não seja tão agressiva.

No decorrer de nossa pesquisa, principalmente enquanto estávamos trabalhando nas pesquisas de campo, podemos observar que é através do cultivo do abacaxi que os agricultores da comunidade de Gravatá de Piabas buscam melhorar suas condições de vida, pois segundo os mesmos é essa cultura que pode proporcionar a eles essa tão sonhada melhoria de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde perceber nosso trabalho tem como foco central fazer uma análise sobre a cultura do abacaxi (*ananás comosus*) na comunidade rural de Gravatá de Piabas, espaço esse onde a cultura tem grande importância na vida social de seus habitantes, não só por ser uma das principais fontes de renda, mais também por ser um dos agentes de transformação do espaço rural e das relações de trabalho dentro da comunidade em estudo.

Pudemos perceber que a memória da comunidade de faz coletiva por meio das formas de uso da terra e dos traços históricos de parentesco nesse espaço. Essa forma de campesinato passou ao longo do tempo por um processo de incorporação de uma lógica capitalista, pois como assinala Oliveira (2001) o capital cria e recria relações de produção.

Essa cultura é, de acordo com os produtores, a responsável por grande parte da renda dos moradores, mesmo daqueles que não cultivam a cultura, pois os agricultores que não fazem parte do grupo que produz o abacaxi acabam por fazer parte de seu processo produtivo disponibilizando a mão-de-obra necessária para os produtores que plantam o abacaxi na comunidade em estudo e nas comunidades vizinhas. Dessa forma o cultivo do abacaxi dentro da comunidade de Gravatá de Piabas se torna um fenômeno que desperta nos produtores uma ânsia de lucro, já que segundo eles o cultivo dessa cultura é a única forma de se ter uma melhor condição de vida, tendo em vista que o cultivo do abacaxi é feito única e exclusivamente para comercialização. Porém nem sempre foi dessa forma, pois a cultura do abacaxi nem sempre foi a principal fonte de renda da comunidade.

A partir das observações de campo e dos depoimentos expostos no decorrer de nosso trabalho, podemos observar que a comunidade de Gravatá de Piabas passou por um processo de desestruturação da ordem produtiva agrícola, pois de acordo com o que foi possível observar, houve uma quebra na estrutura agrícola tradicional, principalmente com a queda no sistema de produção em forma de

policultura, com o cultivo da mandioca e de outras culturas tradicionais, e o acréscimo da produção em regime de monocultura. Tendo grande ênfase nesse caso a cultura do abacaxi.

Essa quebra no sistema de produção afeta principalmente a geração de alimentos, pois os produtores passam a trabalhar com uma única cultura destinada exclusivamente a venda visando o lucro.

Com base nos depoimentos dos moradores podemos observar que quando trabalhava-se no regime de policultura, os agricultores produziam alimentos para seu próprio consumo e quando a produção era maior do que o necessário para alimentação familiar se vendia o excedente. E nesse modelo de produção agrícola atual a importância passa a ser o lucro, o capital.

É nesse contexto que um dos produtores afirma que cultiva o abacaxi como forma de manter seu capital de giro, pois segundo ele o cultivo do abacaxi se torna uma forma de investimento onde o lucro, mesmo que pequeno é sempre certo.

Sobre esses modelos de produção Oliveira (2001), vai colocar que o modelo de produção adotado pelos pequenos produtores, policultura, é responsável por quase 50% da produção agrícola do Brasil, ou seja, quem fornece a maior parte dos alimentos para a mesa dos brasileiros são os pequenos produtores.

Assim se continuarmos a investir em um modelo de produção agrícola capitalista onde só se visa à obtenção do lucro, chegaremos a um ponto onde teremos o capital mais não teremos como comprar os alimentos básicos que compõe as refeições em nossa mesa, já que esse modelo de cultivo agrícola compromete a produção de alimentos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Zilderlânia. *Epidemiologia da Podridão Negra do Abacaxi e Efeitos dos Extratos Vegetais no Manejo da Doença*. 2009. Tese (Doutorado em Fitopatologia) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife-PE, 2009.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3ª edição. São Paulo: companhia das letras, 1994.

CUNHA, Getulio Augusto Pinto da; CABRAL, José Renato Santos. *Taxonomia, Espécies, Cultivares e Morfologia*. IN: CUNHA, Getulio Augusto Pinto da; CABRAL, José Renato Santos; SOUZA, Luiz Francisco da Silva (Orgs.). *O Abacaxizeiro, Cultivo, Agroindústria e Economia*. 1ª edição. Brasília, DF: Empraba, 1999. Cap.1, p. 17-51.

CUNHA, Getulio Augusto Pinto da; CABRAL, José Renato Santos; SOUZA, Luiz Francisco da Silva. *O Abacaxizeiro, Cultivo, Agroindústria e Economia*. 1ª edição. Brasília, DF: Empraba, 1999.

ESTATUTO DA TERRA, Lei nº. 4.504. Brasília, 30 de novembro de 1964.

FREITAS, Newton Carlos de. *Crescimento e produção do abacaxizeiro pérola, com mudas tipo filhote, em Dom Aquino-MT*. 2003, Dissertação (Mestrado em Agricultura Tropical) – Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Cuiabá-MT, 2003.

HENRIQUE, Gilvanete Ferreira de Lima. *Despovoamento na Comunidade Tainha com a Construção da Barragem Araçagi-Pb*. 2004, Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira-PB, 2004.

IBGE, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, Censo Demográfico Populacional*, 2010. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> acesso em: fevereiro de 2011.

IBGE, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, Produção Agrícola Municipal*, 2008. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> acesso em: 13 out. 2009.

KAISER, Bernard. *O Geógrafo e a Pesquisa de Campo*. Boletim Paulista de Geografia. N. 84. P. 93-104. AGB: São Paulo – SP, Jul. 2006.

LACOSTE, Yves. *A Pesquisa e o Trabalho de Campo: Um Problema Político Para os Pesquisadores, Estudantes e Cidadãos*. Boletim Paulista de Geografia. N. 84. P.77-92. AGB: São Paulo – SP, Jul. 2006.

MARTINS, José de Souza. *Os Camponeses e a política no Brasil: As lutas Sociais no Campo e seu Lugar no Processo Político*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes Ltda, 1986.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária*. Estudos Avançados 15 (43), 2001. P.185-206.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SERPA, Ângelo. *O Trabalho de Campo em Geografia: Uma Abordagem Teórico- Metodológica*. Boletim Paulista de Geografia. N. 84. P. 7-24. AGB: São Paulo – SP, Jul. 2006.

SILVA, Edjane E. Dias da, et. al. *Araçagi Ontem e Hoje*. Guarabira-PB: Intergraf. 2000.

VITALINO, Rafael Cohen. *Recomendação técnica do cultivo do Abacaxi irrigado no Distrito Federal*. 2006. Monografia (Graduação em Agronomia) – UPIS – Faculdades Integradas, Planaltina-DF, 2006.

APÊNDICE

Questionário utilizado como base para as entrevistas com os produtores

Dados do Pesquisador

Instituição:

Pesquisador:

Data de realização da Entrevista:

Dados Pessoais do Entrevistado e núcleo familiar

Nome: _____

Naturalidade:

Local de Residência:

Nível de Escolaridade:

Continua estudando? Sim Não.

Motivo _____

Idade: _____ Sexo: Masculino Feminino

Número de Pessoas na Família: _____ () Adultos () crianças

Quantos trabalham? _____

Existem aposentados no núcleo familiar? _____ Quantos? _____

Renda da família?

Dados socioeconômicos

Condição de Trabalho: Proprietário Parceiro Arrendatário Posseiro

Além dessa atividade, possui outra?

_____ Qual? _____

Emprega mão de obra assalariada? Sim Não. Se sim, Quantos? _____

Se proprietário, qual o tamanho da propriedade? _____

Trabalha quantas horas por dia? _____ Quantos dias na semana? _____

Qual o dia de descanso? _____

Qual o sistema de produção?

O que produz?

Na agricultura:

() milho () coco () feijão () capim () abacaxi () fava () mandioca

() outros _____

Na pecuária:

() bovino () galináceo () Caprino () ovino () suíno () eqüino

() Outros _____

Qual o rendimento obtido com a produção? _____

Quais os períodos de plantio e colheita? _____

Quais instrumentos de trabalho de dispõe e é proprietário? _____

Por que escolheu trabalhar com a cultura do abacaxi?

Há quanto tempo trabalha com essa cultura?

O que plantava antes?

Como é feito o preparo da terra para cultivo?

Quais os principais tipos de fertilizantes que utilizam e quantas aplicações são feitas por plantio?

Utilizam agrotóxicos?

Existe acompanhamento técnico? _____ Quem acompanha?

Essa utilização é feita de acordo com recomendação de engenheiro ou técnico agrícola?

As aplicações são feitas com qual frequência?

O que é feito com as embalagens vazias dos agrotóxicos?

Quais os principais agrotóxicos que utiliza?

Quais os pontos positivos no uso do agrotóxico? _____

E os pontos negativos? _____

Qual a área plantada esse ano (referente ao ano de 2009)?

Políticas Públicas

Já fez algum empréstimo individual? Sim Não

Qual (is) o (s) órgão (s) financiador (es)?

